

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL - MESTRADO

POTIRA DOS SANTOS

**O CONVÍVIO SOCIAL EM ESPAÇOS COLETIVOS: MOTIVAÇÕES E
SIGNIFICADOS NA VIDA COTIDIANA DO IDOSO**

Porto Alegre

2010

POTIRA DOS SANTOS

**O CONVÍVIO SOCIAL EM ESPAÇOS COLETIVOS: MOTIVAÇÕES E
SIGNIFICADOS NA VIDA COTIDIANA DO IDOSO**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dra. Jane Cruz Prates

Porto Alegre

2010

POTIRA DOS SANTOS

**O CONVÍVIO SOCIAL EM ESPAÇOS COLETIVOS: MOTIVAÇÕES E
SIGNIFICADOS NA VIDA COTIDIANA DO IDOSO**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada emde.....de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Jane Cruz Prates

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS/FSS

Profa. Dra. Geraldine Alves dos Santos

Feevale

Profa. Dra. Idília Fernandes

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS/FSS

Profa. Dra. Patrícia Grossi

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS/FSS

***Dedico este trabalho para a pessoa que mais amo na vida, minha avó Leonita.
Aquele que sempre acreditou em mim, me proporcionando amor, conforto e carinho,
sem julgamentos e sem cobranças.***

***Minha avó é a melhor do mundo!
Te amo muito e vou te amar para sempre!***

AGRADECIMENTOS

Nesse momento tão importante e feliz da minha trajetória profissional, gostaria de agradecer às pessoas que fazem parte do meu cotidiano e me proporcionam momentos de alegria e felicidade.

Agradeço à minha **mãe Neli**, pelos bons momentos que já passamos juntas e pelas adversidades que superamos ao longo da nossa caminhada. Somos tão iguais e ao mesmo tempo tão diferentes. De qualquer maneira, saibas que meu “*muito obrigada*” chega primeiro até você.

Ao **tio/pai Ino** e minha **tia Dio**, amo vocês e sempre os tenho em meu coração.

Aos afilhados, **Pedro, Nadine e Gabriel** por representarem a alegria do presente e a esperança do futuro!

Ao marido, companheiro e grande amor da minha vida, **Anderson**. Preciso dizer que te amo?

Pra Você Guardei o Amor Nando Reis

*Pra você guardei o amor
Que nunca soube dar
O amor que tive e vi sem me deixar
Sentir sem conseguir provar
Sem entregar
E repartir
Pra você guardei o amor
Que sempre quis mostrar
O amor que vive em mim vem visitar
Sorrir, vem colorir solar
Vem esquentar
E permitir
(...)*

Às **amigas**, sem as quais não imagino minha vida: **Ana Paula (és uma flor); Fernanda (soulmate); Camila; Pâmela; Daniele; Vanessa (barbie); Ludi (o braço direito e esquerdo também) e Daniela (sunshine)**. Acredito que vocês nem façam ideia do quanto são fundamentais em minha vida. Um abraço mais do que especial pra **Daniela** e pra **Vanessa**, que me ajudaram na finalização da dissertação, vocês são *djormais* e *absolutas*!

Às integrantes do NEDEPS, pela convivência tão agradável nesses anos:
Raquel, Renata, Érika, Thyelle, Gisele, Rossana e Neila.

À minha brilhante e competente orientadora, **Dra. Jane Cruz Prates**, pela oportunidade de crescimento intelectual que me proporcionou durante os debates em sala de aula e nas suas preciosas orientações, e sem dúvida pela agradável convivência diária no núcleo.

À professora **Dra. Leonia Capaverde Bulla**, coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Demandas e Políticas Sociais – NEDEPS, pela grande contribuição na minha formação profissional, desde os tempos de iniciação científica.

À professora **Dra. Patrícia Grossi**, pela oportunidade de debater sobre o tema do envelhecimento, na disciplina de *Gerontologia Social* durante a realização do mestrado e por ter aceito o convite em participar da minha banca.

À professora, **Dra. Idília Fernandes**, por ter aceito meu convite em participar da banca e por tudo que representou e representa em minha trajetória profissional.

À **Dra. Geraldine Alves dos Santos**, por ter aceito meu convite em participar da banca e contribuir para a ampliação desse debate.

Aos colegas que ingressaram junto comigo no mestrado, em especial a **Paula e Martha**, pelos momentos de descontração e principalmente pelo aprendizado coletivo durante esses dois anos.

Ao **CNPq**, pelo apoio financeiro, sem o qual não seria possível a realização do Mestrado.

Ao meu time amado, minha paixão eterna, meu **GRÊMIO IMORTAL**, por me proporcionar momentos de alegria e outros nem tanto, mas por representar um elo com meu avó **Pedro Gomes** (*in memoriam*), que transcende essa vida.

Aos **idosos** que aceitaram participar desse estudo, na esperança de que possamos qualificar o atendimento a essa parcela da população e ampliar a qualidade de vida dos mesmos. **Conviver** com vocês durante o período da coleta de dados foi extremamente valioso, mesmo que tenha sido por pouco tempo. Tenho um pouco de vocês em mim, espero que tenha conseguido deixar algo de mim em vocês!

Digo mil vezes: Muito obrigada!

RESUMO

Este trabalho tem como tema a relevância do convívio social no cotidiano do idoso inserido em espaços coletivos no município de Porto Alegre/RS. Buscamos investigar as diferentes alternativas de convívio social acessíveis ao idoso morador da cidade de Porto Alegre/RS, especificamente em espaços coletivos que se direcionam à terceira idade, ou seja, a parcela da população com idade igual ou superior a 60 anos de idade. O objetivo central que orientou o estudo foi conhecer as reais contribuições e significados do convívio social em espaços coletivos na vida cotidiana dos idosos, a fim de contribuir com o processo de autonomia, emancipação e fortalecimento dos mesmos. O presente estudo foi realizado tendo como base o paradigma dialético crítico, fundamentado pelo materialismo histórico. Além das categorias do Método, é fundamental destacarmos as categorias explicativas da realidade com as quais trabalhamos durante todo o processo de construção da dissertação. A categoria central do trabalho é o *processo de envelhecimento* e suas implicações no cotidiano da população idosa. O *convívio social* é parte estruturante da presente dissertação, pois, ao longo dessa produção procuramos desmistificar a banalização existente em relação ao convívio, sendo que pouco se discute sobre sua relevância, exatamente por se pensar que o convívio é algo natural da vida cotidiana, embora este seja um direito garantido pela Constituição Federal do Brasil. Por último, destacamos a categoria *qualidade de vida* que perpassa todo o trabalho, buscando dar visibilidade a relação entre convívio e qualidade de vida, com destaque para os resultados do primeiro sobre o último. Os resultados obtidos através desse estudo confirmam a relevância de espaços de convivência destinados à população idosa e refletem a necessidade de criação de diferentes espaços grupais e de convívio no município de Porto Alegre/RS, especialmente com o apoio de recursos públicos para viabilizar o acesso de idosos mais pobres. Constatamos através das falas dos sujeitos, a importância que o convívio e a participação exerce em suas vidas, resultando em uma melhora significativa na qualidade de vida dos mesmos e na forma como enfrentam as adversidades que o processo de envelhecimento pode gerar.

Palavras-chave: Envelhecimento. Convívio Social. Qualidade de Vida.

ABSTRACT

This work has as its theme the importance of social interaction in daily life of elderly inserted into collective spaces in the city of Porto Alegre / RS. We seek to investigate the different possibilities of social interaction available to the elderly resident of the city of Porto Alegre / RS, in particular public space that are directed to the elderly, ie, the portion of the population aged over 60 years of age. The main objective that guided the study was to understand the real meanings and contributions from social public space in the daily life of the elderly in order to contribute to the process of autonomy, empowerment and strengthening them. This study was based on the paradigm of dialectical critical, reasoned historical materialism. In addition to the categories of method, it is important to stress the explanatory categories of reality with which we work throughout the construction process of the dissertation. The central category of work is the process of aging and its implications on daily life of the elderly population. The social life is the structuring of this thesis, therefore, throughout this production sought to demystify the routine concerns on the living, and little is discussed about its relevance, precisely because they think that living is something natural in daily life, although this is a right guaranteed by the Constitution of Brazil. Finally, we highlight the category quality of life that permeates all the work, seeking to give visibility to the relationship between living and quality of life, especially the results of the first on the latter. Results from this study confirm the importance of common spaces for the elderly and reflect the need to create different spaces and group living in Porto Alegre / RS, especially with the support of public resources to enable access to elderly poor. We see through the words of the subjects, the importance that living and participation has on their lives, resulting in a significant improvement in quality of life for themselves and how they face the adversities that the aging process can generate.

Keywords: Aging. Social gathering. Quality of Life.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Questões mobilizadoras do debate.....	72
---	----

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1** – Idosas segundo o tempo de participação no grupo.....58
- Quadro 2** – Idosas segundo os motivos que as levaram a participar do grupo.....60
- Quadro 3** – Idosas segundo o significado do grupo em suas vidas.....61

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Idade das idosas.....	56
Gráfico 2 – Estatuto e Política Nacional do Idoso.....	66

LISTA DE SIGLAS

BIRD - Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento.

CEUVF – Centro de Extensão Universitária da PUCRS – Vila Fátima.

CF – Constituição Federal.

FMI – Fundo Monetário Internacional.

LOAS – Lei Orgânica da Assistência Social.

NEDEPS – Núcleo de Estudo e Pesquisa em Demandas e Políticas Sociais.

ONG – Organização Não-Governamental.

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SUAS – Sistema Único de Assistência Social.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 A RELEVÂNCIA DO CONVÍVIO SOCIAL.....	17
2.1 O contexto social e a fragilização do convívio.....	17
2.2 A família como o primeiro lugar de convívio social.....	24
2.3 A comunidade como uma alternativa de fortalecimento para o convívio social.....	28
2.4 A sociedade e seu papel em relação ao convívio social.....	35
3 CAMINHO PERCORRIDO.....	42
3.1 Delimitação do tema.....	42
3.2 Formulação do problema.....	43
3.3 Questões norteadoras.....	43
3.4 Objetivos.....	43
3.4.1 Objetivo geral.....	43
3.4.2 Objetivos específicos.....	44
3.5 Metodologia.....	44
4 A REALIDADE ENCONTRADA.....	53
4.1 Os grupos de convivência pesquisados.....	53
4.2 Desvendando a participação dos idosos.....	54
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
REFERÊNCIAS.....	80
ANEXOS.....	85
APÊNDICES.....	87

1 INTRODUÇÃO

Gostaríamos de introduzir o presente trabalho explicando as motivações que nos levaram a optar por estudar a temática do envelhecimento, pois muito já ouvimos (até mesmo de idosos), que ser jovem é um obstáculo a mais para os estudiosos e/ou pesquisadores da área, o que por nenhuma vez nos fez desistir de seguir nosso caminho na perspectiva da gerontologia.

Pensamos que essas idéias são baseadas no senso comum, sendo alicerçadas pelo preconceito e a falta de conhecimento sobre a relevância da temática e do engajamento de pessoas jovens na luta pelo reconhecimento e valorização do processo de envelhecimento, mesmo porque iniciamos o processo de envelhecimento ao nascer.

Nosso desejo em realizar mestrado na linha de pesquisa da Gerontologia Social surgiu a partir de três experiências profissionais e acadêmicas: A primeira como bolsista de iniciação científica BPA/PUCRS, no projeto intitulado “*Formação de*

Especialistas em Gerontologia Social”, sob a coordenação do Professor Dr. Silvio Henrique Lafin, da Faculdade de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul- PUCRS.

A segunda, como bolsista de iniciação científica CNPq/PIBIC do Núcleo de Pesquisas em Demandas e Políticas Sociais - NEDEPS, no projeto intitulado “*Suporte Social e Qualidade de Vida nos Núcleos Familiares de Idosos Portadores da Doença de Alzheimer*”, sob a coordenação da Professora Dra. Leonia Capaverde Bulla, da Faculdade de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS.

A terceira experiência ocorreu no estágio curricular, desenvolvido em seus três níveis no Centro de Extensão Universitária da PUCRS – Vila Fátima – CEUVF, em que trabalhamos especificamente com um grupo de idosos, através de uma equipe multidisciplinar, desenvolvendo além do trabalho coletivo, o atendimento individual aos idosos que necessitassem.

Esse momento foi decisivo para a nossa escolha em realizar o mestrado, pois através do espaço grupal em que estávamos inseridos, foi amadurecida a idéia de continuar estudando e trabalhando sobre o tema do envelhecimento.

Acreditamos que contribuir para a garantia de direitos é um compromisso que assumimos como necessário e dentre eles o convívio social é fundamental no cotidiano de todo o ser social, o que não é diferente na faixa etária que atinge os maiores de 60 anos. Podemos dizer que nesta etapa da vida a garantia do convívio é essencial.

Entendemos que o convívio social dentro de espaços coletivos é uma estratégia de enfrentamento à realidade, ou seja, uma resistência frente às desigualdades sociais, entre as quais se destacam o preconceito e o isolamento, dentre outras expressões da questão social, sofridas por essa parcela da população.

Estes sujeitos que, muitas vezes são alijados dos processos de reconhecimento e valorização por não “*servirem*” mais ao mercado do capital e por não mais produzirem de acordo com os ditames de uma sociedade baseada no

consumo, são simplesmente descartados ou sofrem um processo que pode ser caracterizado como “*morte social*”¹.

Contraditoriamente, enquanto a faixa etária para considerar-se um sujeito “velho” para ingressar ou reinserir-se no mercado de trabalho é cada vez menor, comemoramos a evolução da ciência e dos aparatos médico-científicos, que acabam por impactar no aumento da longevidade. Contudo, esse processo não vem acompanhado de medidas e iniciativas que garantam aos sujeitos idosos um espaço reconhecido na sociedade e uma melhor qualidade de vida, o que pressupõe, entre outras estratégias, a oferta de espaços de convívio.

O tema da presente dissertação é algo constantemente naturalizado pela sociedade: *o convívio social*. Por ser algo fundamental na vida de todos os sujeitos, muitas vezes passa despercebido pelos mesmos como algo que já está dado no cotidiano.

O que pretendemos demonstrar através dessa produção é a relevância e o significado do convívio social no cotidiano dos sujeitos, numa perspectiva crítica e propositiva, pois entendemos que a socialização começa desde o momento do nascimento, e este processo tem continuidade nas mais diversas etapas da vida, abarcando a etapa do ciclo vital, quando os sujeitos passam a ser caracterizados como idosos.

As relações sociais que foram sendo construídas, ao longo do tempo, são de fundamental importância em qualquer etapa do desenvolvimento, mas nessa etapa da vida, assumem um sentido especial na medida em que é importante para a pessoa idosa o reconhecimento quanto ao seu valor e importância nos grupos dos quais participa.

Para viver, o homem busca o atendimento de suas necessidades diárias, como comer, beber, vestir-se e etc. Porém, para a concretização de sua vida suas necessidades vão muito mais além, pois por ser um ser social, o homem precisa de reconhecimento, acolhimento, afeto, identificação de espaços de pertencimento e referências.

¹ “A morte social é produzida e não isolada do contexto da construção da trama de relações sociais que compõem a sociedade. Se existe morte social é porque ela é produzida socialmente”. (KERN, 2001, p. 186).

Nesse sentido, as relações estabelecidas possuem papel fundamental, uma vez que o sujeito inexistente sem interagir com os demais. Portanto, o convívio social é fundamental nas diversas esferas da vida cotidiana dos sujeitos, pois através do mesmo transformações reais podem ser efetivadas em suas vidas. A presente dissertação tem como objeto de estudo exatamente o convívio social, pela relevância que adquire no sentido da viabilização de um envelhecimento ativo².

Para tanto buscamos investigar o significado de participar de espaços de convivência destinados às pessoas idosas, tendo como sujeitos participantes dessa pesquisa 10 idosos, sendo 5 idosos do grupo *Alfa* e 5 idosos do grupo *Beta*.

Devido ao curto período que o mestrado nos proporciona para a realização da investigação, foi necessário diminuir o número de sujeitos entrevistados, bem como o número de grupos, o que no nosso entendimento não trouxe prejuízos a essa produção teórica, tendo em vista que outras técnicas e instrumentos foram utilizados, a fim de que essa dissertação pudesse contribuir efetivamente para desocultar a realidade social, sendo um importante subsídio para a desmistificação do convívio social e do processo de envelhecimento.

No segundo capítulo buscamos contextualizar a sociedade atual. Logo depois, trabalhamos a relação do envelhecimento e o convívio social na sociedade, na família e na comunidade, fazendo uma interconexão com a legislação vigente. Dando prosseguimento, abordamos no terceiro capítulo o caminho por nós percorrido durante o processo de investigação e coleta de dados. No quarto capítulo é feita a sistematização e a análise do processo e dos achados obtidos através de entrevistas diretas e coleta coletiva.

Por fim, nas considerações finais, realizamos um apanhado do que foi abordado durante toda a dissertação e seu processo de criação, bem como propomos alternativas e mudanças a serem trabalhadas pela sociedade em geral

² A abordagem do envelhecimento ativo é baseada no reconhecimento dos direitos humanos das pessoas mais velhas e nos princípios de independência, participação, dignidade, assistência e auto-realização estabelecidos pela Organização das Nações Unidas. Com esta abordagem, o planejamento estratégico deixa de ter um enfoque baseado nas necessidades (que considera as pessoas mais velhas alvos passivos) e passa ter um enfoque baseado nos direitos, o que permite o reconhecimento dos direitos dos mais velhos à igualdade de oportunidades e tratamento em todos os aspectos da vida à medida que envelhecem. Esta abordagem apóia a responsabilidade dos mais velhos no exercício de sua participação nos processos políticos e nos outros aspectos da vida em comunidade. (OMS, 1994, p. 59).

com relação ao processo de envelhecimento e a garantia do direito ao convívio, preconizada nas legislações.

Apresentamos também como apêndices, os instrumentos utilizados para a realização das entrevistas e o modelo de termo de consentimento utilizado junto a todos os sujeitos entrevistados, de modo que possa contribuir com o percurso de outros pesquisadores.

2 A RELEVÂNCIA DO CONVÍVIO SOCIAL

No presente capítulo abordaremos o processo de envelhecimento e o convívio social em diversas esferas que fazem parte do cotidiano da população idosa, enfatizando os limites e as possibilidades geradas pelo processo de envelhecimento. Abordaremos a importância do convívio social no cotidiano dos idosos, tendo como pressuposto a garantia da qualidade de vida da população idosa.

2.1 O CONTEXTO SOCIAL E A FRAGILIZAÇÃO DO CONVÍVIO

Um dos temas mais instigantes na sociedade contemporânea é sem dúvida a própria dinâmica da sociedade, que se apresenta cada vez mais em suas tramas complexas, as quais irão se materializar no cotidiano dos sujeitos.

Com o crescimento do ideário neoliberal, as tramas presentes na sociedade capitalista se tornam cada vez mais presentes no dia-a-dia da população, e o mais importante: tal fato não é percebido, tamanha a escassez de tempo dos sujeitos, que não se permitem indagar, questionar, pensar de forma mais aprofundada, o que faz do cotidiano dos mesmos uma mera reprodução do já produzido.

Contudo, este é um jogo que faz parte da cultura deste ideário, considerando que ocultar os processos de alienação auxilia para que os mesmos se perpetuem, bem como a naturalização de reproduções que interessam a manutenção do sistema.

No momento em que se problematiza acerca da conjuntura da sociedade capitalista, algo que merece uma atenção significativa é o crescimento da faixa etária das pessoas acima de 60 anos de idade, ou seja, os idosos, que hoje, configuram-se como a parcela que mais cresce da população, tanto em países em processo de desenvolvimento, como em países desenvolvidos.

[...] até 2025 quando teremos mais de 32 milhões de pessoas com mais de 60 anos, seremos a 6ª maior população idosa do mundo. Assim, se algum país tem motivos para se preparar para enfrentar o problema de envelhecimento populacional, este país é o Brasil. (LEME, 2000, p. 11).

O envelhecimento não pode ser analisado apenas pelo aumento da longevidade, uma vez que esse processo não é isolado, por isso analisar as diversas esferas que perpassam o envelhecimento é fundamental, especialmente nos marcos de uma sociedade que supervaloriza o culto à aparência e ao jovem, atribuindo-lhes maior relevância do que a qualidade e o próprio significado da vida. É necessário entender o envelhecimento como um processo, que se dá no momento do nascimento dos sujeitos, portanto,

[...] a contradição mais flagrante, mais dramática, apresenta-se como aquela entre a *vida* e a *morte* (entre o ser e o nada, mas em toda profundidade e realidade do concreto). Ora, a vida não é exterior à morte; e a morte não é como uma ameaça ou um perigo que atingisse o ser vivo a partir do exterior. Alguns biólogos (Carrel, Lecomte de Nouy) mediram recentemente o *índice de cicatrização*, ou seja, a rapidez de proliferação dos tecidos que permitem ao ser vivo curar suas feridas e reintegrar sua totalidade, em certa medida, após uma lesão. Ora, o índice de cicatrização diminui *imediatamente após o nascimento*. Desse modo, o envelhecimento começa no momento em que o ser vivo parece em plena ascensão, em pleno crescimento. Ele já traz sua morte consigo; e o momento de seu nascimento é também, em certo sentido, aquele de sua morte. Viver é consumir e consumir a vida; viver já é morrer. A vida e morte são estreita e indissolúvelmente unidas. Os contraditórios, concretamente, são unidos – são idênticos! (LEFEBVRE, 1991, p. 185-186).

Simplesmente negar o envelhecimento e seu processo, é reiterar a alienação que se encontra presente nas esferas da sociedade e na vida cotidiana dos sujeitos, o que remete a pensar somente na individualidade e na sociedade onde o capital fetiche³ é a mola propulsora de todas as ações.

³ Como IAMAMOTO (2008) caracteriza o processo, com base em Marx.

Diante disso percebemos que a cultura do personalismo ainda é muito presente na sociedade atual, em que é atribuído o valor próprio da pessoa humana, ao seu esforço próprio e à sua autonomia, que pode ser entendida como não dependência dos demais, valores esses, que contribuíram significativamente para o atraso político e econômico do Brasil em relação a outras nações. (HOLANDA, 2006). Essa cultura personalista ainda é vigente no Brasil, o que juntamente com o avanço do capitalismo contribui para uma vida alicerçada em valores e crenças individuais e sem um olhar acerca do coletivo.

Na sociedade burguesa, quanto mais se desenvolve a produção capitalista, mais as relações sociais de produção se alienam dos próprios homens, confrontando-os como potências externas que os dominam. Essa inversão de sujeito e objeto, inerente ao capital como relação social, é expressão de uma história de auto-alienação humana. (IAMAMOTO, 2008, p. 48).

Os impactos dessa auto-alienação humana, como bem explicita lamamoto, e as refrações da questão social acabam por atingir os segmentos mais vulnerabilizados onde se incluem os idosos, algumas vezes inseridos, mas nem sempre incluídos efetivamente na sociedade, pois a inclusão remete a diversos fatores, como o acesso a bens e serviços, a informações e a direitos previstos em lei. A sociedade vai se configurando de acordo com o modo de produção (capitalista), ou seja, acumulando privilégios para uma minoria, enquanto,

[...] verifica-se a regressão, degradação e transgressão no nível das relações de família, de amizade, da vida social de grupos parciais, do meio ambiente, assim como a produção de novas relações no âmbito de segmentos sociais como a juventude, os idosos, as mulheres e os trabalhadores. (IAMAMOTO, 2008, p. 50).

O sentido da vida passa a ser fetichizado pelo capital e invade o cotidiano da população, em que pese não serem apenas as classes subalternas afetadas por esse modo de produção ou aqueles que não estão informados e/ou esclarecidos, pois o capital se engendra em cada espaço dessa sociedade.

O aumento da expectativa de vida perde o sentido para o sujeito se não for associado à qualidade de vida, ao reconhecimento, ao afeto e à inclusão, portanto, é preciso que haja políticas sociais que acompanhem esse crescimento demográfico.

Como seres sociais, todos necessitamos do reconhecimento do outro para que possamos sobreviver, embora os níveis crescentes de miserabilidade, alienação e desigualdade reforcem o individualismo, o egocentrismo e o egoísmo que caracterizam a sociedade capitalista, impactando na vida cotidiana dos sujeitos.

O estigma existente em relação ao que é considerado “velho” pela sociedade está fortemente imbricado nas relações sociais que se moldam ao longo da vida. A cultura presente ainda é a mesma desde o tempo da colonização brasileira, em que se avaliava como “belo” e positivo tudo o que era considerado “novo” e jovem, nessa perspectiva o idoso, que muitas vezes encontra-se fora do mercado de trabalho e não produzindo mais o esperado pela sociedade é considerado improdutivo, e por isso a desvalorização desse segmento populacional é tratada com naturalidade.

As desigualdades que presidem o processo de desenvolvimento do País têm sido uma de suas particularidades históricas. O “moderno” se constrói por meio do “arcaico”, recriando elementos de nossa herança histórica colonial e patrimonialista, ao atualizar marcas persistentes e, ao mesmo tempo, transformá-las, no contexto de mundialização do capital sob a hegemonia financeira. As marcas históricas persistentes, ao serem atualizadas, repõem-se, modificadas, ante as inéditas condições históricas presentes, ao mesmo tempo em que imprimem uma dinâmica própria aos processos contemporâneos. O novo surge pela mediação do passado, transformado e recriado em novas formas nos processos sociais do presente. (IAMAMOTO, 2008, p. 128).

A herança cultural do Brasil ainda resiste e aparece a todo instante, revestida de novas formas, mas mantendo sua herança conservadora. Para que mudanças efetivas possam ocorrer é necessária uma mobilização a fim de contribuir para a tomada de consciência da população no sentido de que a sociedade atual é fruto de um passado recente e a construção de um futuro não pode ser realizada na focalização de necessidades individuais, e sim coletivas (HOLANDA, 2006).

A conjuntura da sociedade atual não pode ser analisada somente a partir da ótica das desigualdades, é necessário evidenciar as resistências existentes em meio a essa luta incessante do capital *versus* trabalho. A idéia de resistência pressupõe um movimento coletivo, a partir daí já se contrapõe às idéias liberais travestidas de novas onde o individualismo impera (IAMAMOTO, 2004).

As reais transformações se operam no coletivo, e como exemplo disso é preciso citar o Estatuto do Idoso (2003), que se tornou real após uma luta incansável

e pressão dos movimentos sociais, conselhos municipais e estaduais do idoso, a fim de que a proteção a esses sujeitos fosse garantida em forma de lei.

Muitas vezes não são reconhecidas as conquistas adquiridas através de muito esforço e luta coletiva e uma grande parcela desse não reconhecimento se deve à crescente exploração e submissão da sociedade civil à dinâmica envolvente do capital. Podemos notar que,

[...] crescem os níveis de exploração e as desigualdades, assim como, no seu reverso, as insatisfações e resistências presentes nas lutas do dia-a-dia, ainda carentes de maior organicidade e densidade política. Na sua maioria, silenciadas pelos meios de comunicação, essas lutas condensam a recusa do instituído e expressam iniciativas tensas e ambíguas, que adensam um processo de acumulação de forças que procura avançar historicamente no horizonte da igualdade. Lutas tímidas, mas vivas nos âmbitos do direito ao trabalho e do trabalho; da luta pela reforma agrária; pelo acesso aos serviços públicos no atendimento às necessidades básicas dos cidadãos; contra as discriminações étnico-raciais e de gênero; pela defesa do meio-ambiente, das expressões culturais etc. (IAMAMOTO, 2008, p. 145).

Os dispositivos legais ainda são pouco conhecidos e têm pouca visibilidade dentro do cenário nacional, o que se garante efetivamente ao cidadão com mais de 60 anos referente ao Estatuto do Idoso ainda é muito incipiente, ou até mesmo em relação à Política Nacional do Idoso, que tem como finalidade: “[...] assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade” (BRASIL, 1994, p. 01).

O princípio II da Política Nacional do Idoso (1994) chama a atenção para o pensamento coletivo: “o processo de envelhecimento diz respeito à sociedade em geral, devendo ser objeto de conhecimento e informação para todos” (BRASIL, 1994, p. 01).

Devemos entender que a velhice é uma fase da vida, porém o processo de envelhecimento começa ao nascer, por isso todos os dias se está envelhecendo, fato esse que a sociedade não consegue perceber em sua totalidade.

O crescimento acentuado da população idosa não deve ser considerado como uma demanda do Estado, do Governo e do poder público em geral, esse fenômeno diz respeito à sociedade como um todo. No entanto o “natural” é repassar a demanda como um “problema” de determinado setor ou serviço, dessa maneira

retirando a responsabilidade do coletivo, sem a perspectiva de atendimento a partir da visão de integralidade, o que compromete a qualidade na prestação de serviços à população em geral.

Essa concepção é o retrato de uma sociedade capitalista, pautada em um referencial neoliberal, em que só se movimenta algo quando a situação recai sobre sua própria família, repercutindo em suas relações sociais. Estamos falando mais uma vez do individualismo que cerca a vida dos sujeitos.

A não inserção do idoso no mercado de trabalho não o descaracteriza como partícipe do processo de produção e reprodução do capital, ele está fortemente imbricado nesse processo, assim como qualquer outro cidadão inserido em um sistema onde o modo de produção é capitalista.

Aliás, a população idosa pode não ser reconhecida como população economicamente ativa no que tange ao âmbito societário, porém é fonte de constantes investidas do capital, para obtenção de lucros. Como exemplo, podemos citar o crescimento avassalador dos empréstimos bancários para o segmento populacional aposentado, pensionista e etc. Tais empresas tornaram-se fonte de absoluto lucro para os capitalistas.

Como resultado da evolução capitalista, a noção de um instinto social “colocado em todos os homens pela natureza” desaparece completamente. As liberdades *individuais* parecem pertencer ao reino da “natureza”, e os laços *sociais*, ao contrário, parecem artificiais e impostos, por assim dizer, “de fora” ao indivíduo auto-suficiente. (MÉSZAROS, 2006, p. 233).

A vida cada vez mais pautada por sentimentos individuais leva a crer que a sociedade se encontra de tal forma que uma mudança torna-se praticamente uma utopia, mas que seja a utopia considerada por Paulo Freire como “o inédito viável” (1974, p.19). Afinal, nada é tão permanente que não possa sofrer transformações, basta lembrar a crise do capitalismo em meados da década de 1970, ou até mesmo o período de ditadura pela qual o Brasil passou quando não se vislumbrava qualquer mudança. O cotidiano parecia imutável, portanto, o capitalismo também pode sofrer transformações, como bem explicita Marx (1993, p.35): “tudo que é sólido, se desmancha no ar”.

Com o crescimento da população idosa nos marcos dessa sociedade, faz-se necessário refletir acerca do significado do que é ser “*diferente*” diante de um

contexto que atribui sentido valorativo ao que é pré-estabelecido pelos meios de comunicação, fortemente pautado pela mídia e pela propagação do marketing e da propaganda. De nada adianta o idoso se reconhecer como cidadão, se há uma sociedade inteira que o desconhece e o renuncia.

Os homens só podem ser *humanamente* diferentes na medida em que uma dada forma de sociedade permita, ou seja capaz de permitir, uma diferenciação autêntica. Assim, a diferenciação real, longe de igualar-se à “autonomia”, só pode adquirir sentido e valor se for concebida como uma *reciprocidade social*. Ser diferente, apenas por ser diferente, de nada vale. O assassino é, reconhecidamente, “diferente” de sua vítima, mas ninguém o elogiaria por isso. É o conteúdo efetivo da diferenciação que importa. Somente pode ser considerada como um valor a diferenciação que é capaz de ser integrada socialmente, contribuindo com isso para o enriquecimento e o desenvolvimento positivo do indivíduo social. (MÉSZAROS, 2006, p. 243).

Portanto, não basta lutar somente para que o idoso se reconheça (não desvalorizando a importância de que primordialmente ele deva se reconhecer), mas a sociedade, a família e a comunidade têm um papel fundamental para a reafirmação desse reconhecimento. Afinal, a existência humana deve ser considerada a partir do olhar do outro. Mézaros (2006, p. 244), reflete sob a ótica da autonomia, trazendo uma relevante problematização referente à mesma:

Nossos problemas não resultam de uma falta de “autonomia”, e sim, ao contrário, de uma estrutura social – um modo de produção – que impõe ao homem um *culto* dela, isolando-o dos outros homens. A pergunta vital, que deve ser formulada sobre a autonomia, é: o que se pode *fazer* com ela? Se apenas a “temos”, como uma “faculdade psicológica”, um aspecto da “estrutura do caráter”, ou como um direito oco limitado à esfera da “privacidade”, para todas as razões práticas isso equivale à mesma coisa que simplesmente *não* a ter.

Muito se ouve falar em autonomia, porém esse questionamento trazido por Mézaros é de extrema relevância, pois a sociedade capitalista não comporta atitudes autônomas da população, uma vez que o capital é fetichizado e acaba por mercantilizar todas as relações sociais estabelecidas. Portanto, falar de autonomia, não somente em relação à população idosa, mas ao conjunto dos sujeitos sociais é um desafio para a sociedade como um todo.

Problematizar sobre o crescimento acentuado da população idosa, como já referido anteriormente possui uma grande relevância. Esse crescimento não pode ser entendido como um fator isolado de um contexto, que por ser amplo, dinâmico e complexo necessita de uma análise que contemple a interconexão entre as diferentes partes que o formam.

Outro aspecto pouco abordado em relação ao envelhecimento é a qualidade com que se envelhece. Ora, se o aparato médico-científico é extremamente qualificado, contribuindo significativamente para que a população idosa cresça no país, é necessário avaliar em que condições essa população está envelhecendo, pois vale ressaltar que de pouco adianta envelhecer sem qualidade de vida, sem acesso a bens, serviços, informações e direitos. Esta se configura como a grande questão no que tange a problematização sobre o envelhecimento.

A conjuntura atual, cada vez mais força a população a viver de forma isolada, no entanto, isso é extremamente prejudicial para a qualidade de vida, não somente para a população idosa, mas para todas as etapas da vida dos sujeitos. O cotidiano e as relações sociais são permeados por contradições, porém, é preciso superá-las, dando lugar a novas contradições, afinal, em um mundo em que a contradição for totalmente superada, não haverá movimento, tendo em vista que a contradição dialética tece e move a vida dos sujeitos.

O que se torna preocupante é a não valorização das pessoas idosas. Por isso é necessário ressaltar a importância desse segmento populacional, como idosos e cidadãos, que possuem o direito e a consciência de que participar e o simples conviver, que muitas vezes não são valorizados significa se emancipar e se fortalecer, diante da subsunção da sociedade ao capital, onde a primazia dada ao consumo e a reprodução da alienação, favorece o não reconhecimento do processo de envelhecimento.

2.2 A FAMÍLIA COMO O PRIMEIRO LUGAR DE CONVÍVIO SOCIAL

Envelhecer na atual conjuntura é um processo que muitas vezes tende a ser um sofrimento aos sujeitos, tendo em vista alguns fatores que já debatemos

anteriormente, como a própria dinâmica da sociedade capitalista que corrobora para o alastramento do preconceito em relação à velhice, e a tudo que for considerado “diferente” do padrão estabelecido pela sociedade, com um forte apelo midiático.

Nesse contexto, torna-se fundamental destacar o papel da família no processo de envelhecimento, bem como a sua relevância no que tange o acolhimento da pessoa idosa na dinâmica familiar. Primeiramente, é necessário perceber que a família vem se modificando ao longo da história, e com isso a concepção de um “modelo familiar ideal” torna-se cada vez mais distante.

O primeiro passo para estudar a família deveria ser o de dissolver sua aparência de naturalidade, percebendo-a como criação humana mutável e observando que as relações muitas vezes coincidentes que conhecemos atualmente entre grupo conjugal, rede de parentesco, unidade doméstica/residencial podem se apresentar como instituições bastante diferenciadas em outras sociedades ou em diferentes momentos históricos. (BRUSCHINI, 1990, p. 31).

Vivemos um momento histórico em que a noção de família deve ser ampliada para além do modelo de família nuclear. Como exemplo disso temos a família extensa, adotiva, monoparental, reconstituída e etc. Essa noção ampliada nos remete a pensar na família não como algo pronto, mas percebê-la como reflexo de uma sociedade contraditória, e por isso mesmo tão complexa em sua dinâmica e relações estabelecidas.

A família é o primeiro espaço de socialização dos sujeitos e uma das mais importantes fontes de socialização e acolhimento durante toda a existência dos mesmos. Porém, não devemos deixar de lado seu caráter contraditório, pois ao mesmo tempo em que pode ser um refúgio contra o desamparo e a insegurança de existência, pode ainda existir despotismo, violência, confinamento, perda e rompimento de vínculos. (PEREIRA, 2004).

É nesse contexto contraditório que a população idosa encontra-se, ou seja, aquele idoso que não tem mais condições de prover seu sustento, seja pelo fator econômico ou debilidade física, necessitando assim do amparo familiar, nem sempre será atendido em suas demandas.

O artigo 3º do Estatuto do Idoso (2003) define que:

É obrigação da **família**, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à **convivência familiar e comunitária**. (grifos nossos).

O 3º princípio da Política Nacional de Assistência Social (PNAS, 2004) se refere ao: “respeito e dignidade do cidadão, à sua autonomia e ao seu direito a benefícios e serviços de qualidade, bem como à **convivência familiar e comunitária**, vedando-se qualquer comprovação vexatória de necessidade”. (grifos nossos).

Mais uma vez aparece nos marcos legais a comprovação da relevância do convívio familiar e comunitário. Optamos por destacar o convívio, uma vez que o percebemos introjetado na sociedade como algo já dado, permeado pelo senso comum, o que não permite desvendar sua real dimensão, tendo em vista que o convívio é direito de todo o cidadão.

A partir do momento que se tem a concepção do convívio como um direito de todo cidadão, surgem questionamentos, e no que tange a população idosa o principal deles é acerca daqueles idosos que possuem seus vínculos familiares fragilizados, pois dessa forma como que o Estado poderá garantir o convívio familiar, preconizado pela lei para o idoso?

A proteção social, de acordo com a PNAS (2004), garante a segurança de convívio ou vivência familiar através de:

Ações, cuidados e serviços que restabeleçam vínculos pessoais, familiares, de vizinhança, de segmento social, mediante a oferta de experiências sócio-educativas, lúdicas, sócio-culturais, desenvolvidas em rede de núcleos sócio-educativos e de convivência para os diversos ciclos de vida, suas características e necessidade.

No instante em que se diz que o convívio está previsto em lei, essa afirmação é seguida pela concepção de “obrigação”, ou seja, a família é “obrigada” perante a lei a acolher aquele idoso, que por sua vez, também pode não querer estar presente na dinâmica familiar.

É necessário perceber o quão complexo é trabalhar com a família, pois ela abarca todos os segmentos populacionais, e principalmente é vista pela sociedade

como a “base” de todas as relações sociais, sendo assim mencionada no artigo 226 da Constituição Federal de 1988: “família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado”.

A família é a centralidade da maioria das políticas públicas existentes no Brasil, o que de certa forma ratifica sua relevância, mas por outro lado acaba sobrecarregando-a, pois dessa maneira ela é convocada a dar conta de todos os segmentos, sejam estes crianças, adolescentes, adultos e/ou idosos. A diretriz IV da PNAS (2004) diz respeito à: “Centralidade na família para concepção e implementação dos benefícios, serviços, programas e projetos”.

Muitas vezes a mesma família usuária de uma política que atenda a criança, pode ser usuária de outra política que atenda às necessidades do idoso. O fato a se considerar aqui é a não interlocução entre as políticas, ou seja, a constante fragmentação e setorialização das demandas e necessidades sociais que irão incidir na sobrecarga de responsabilidades da família.

Hoje se caminha para o que chamamos de matricialidade sociofamiliar⁴, com o intuito de superar essa fragmentação. Há um reconhecimento do Estado nesse sentido e uma tentativa de orientar a Política de Assistência Social nessa perspectiva. O Programa de Atenção Integral à Família - PAIF inova no trabalho com a família incluindo o idoso.

O Programa de Atenção Integral à Família (PAIF) expressa um conjunto de ações relativas à acolhida, informação e orientação, inserção em serviços da assistência social, tais como sócio-educativos e de convivência, encaminhamentos a outras políticas, promoção de acesso à renda e, especialmente, acompanhamento sócio-familiar. Esse programa é desenvolvido no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). (MDS, 2009).

Devemos reconhecer a relevância desse programa no desenvolvimento da relação entre a família e seus membros, no processo de proteção e as garantias do estado para o idoso quando não há familiares, porque a proteção especial, por

⁴ A matricialidade sócio-familiar passa a ter centralidade no SUAS devido ao intenso processo de penalização das famílias, que estão cada vez mais vulnerabilizadas. Mesmo havendo o reconhecimento da importância da família para seus membros, é necessário que esta seja incluída como centro da Política de Assistência Social articulada com as outras políticas públicas, tão importantes para que o cidadão possa alcançar a promoção social. (VANZETTO, 2005, p.06).

exemplo, seja para o segmento que for, se configura quando os laços familiares estão rompidos ou inexistem. Logo, os níveis de relações familiares são centrais, inclusive para definir o tipo de proteção que o Estado deve destinar aos segmentos sociais.

Os objetivos do PAIF são:

- Contribuir para a prevenção e o enfrentamento de situações de vulnerabilidade e risco social;
- **Fortalecer os vínculos familiares e comunitários (grifos nossos);**
- Promover aquisições sociais e materiais às famílias, com o objetivo de fortalecer o protagonismo e a autonomia das famílias e comunidades. (MDS, 2009).

De acordo com os dados recentes do Ministério do Desenvolvimento Social – MDS (2009), o Rio Grande do Sul recebe por ano cerca de R\$ 1,31 bilhão para execução de programas sociais. O PAIF, especificamente, atende cerca de 336,4 mil pessoas e possui a verba de R\$ 7,9 milhões. É um significativo investimento por parte do Estado e possui grande relevância no âmbito familiar, pois abarca todos os membros da família sem distinção, sendo um avanço na perspectiva de uma visão da totalidade.

O que se deve destacar é o entendimento de que a família, por sofrer constantes transformações decorrentes da dinâmica societária, não deve ser a única instância em que se depositam as responsabilidades de seus entes, e sim, mais uma instância de acolhimento - a principal delas, se pode dizer. Porém, deve ser possibilitada, por meio de ações do Estado, a intercomunicação com as demais políticas públicas, contribuindo dessa maneira para a qualidade de vida de todos os membros que compõem a família.

Acreditamos que o suporte social destinado às famílias e ao próprio idoso ainda é escasso. Cada vez mais se faz necessário que o Estado ofereça projetos, programas e/ou políticas para que melhor se compreenda o processo de envelhecimento, contribuindo assim para a valorização do idoso, bem como o necessário convívio para a garantia de sua saúde.

Situações como demências e cuidados especiais, nem sempre são fáceis de enfrentar, especialmente para os que dispõem de menos recursos. Nesse sentido, o

esclarecimento e o suporte social e econômico são fundamentais para a garantia da saúde da família e de um atendimento digno ao idoso.

2.3 A COMUNIDADE COMO UMA ALTERNATIVA DE FORTALECIMENTO PARA O CONVÍVIO SOCIAL

A comunidade tem papel fundamental na vida de todo o ser - humano, sendo, desta forma, imprescindível para o idoso as relações sociais que são estabelecidas no âmbito comunitário. Muitas vezes a comunidade tem maior relevância para o idoso do que sua própria família, pois geralmente a participação dentro da comunidade é feita sem cobranças e sem julgamento. Nesse sentido o idoso tende a se sentir mais acolhido e pertencente àquele espaço.

A expressão de uma das participantes do grupo pesquisado, ao referir-se à importância do grupo, destacou que: “*hoje o grupo compete com a minha família*”, externando o quanto é significativo esse espaço ofertado pela comunidade.

A definição de comunidade é bastante complexa de acordo com Souza (1991, p.61):

No século atual, onde a questão da comunidade vem a emergir, os próprios condicionamentos sócio-históricos de cada sociedade, em particular, vão alterando o contexto urbano e rural e *tornando complexa uma definição objetiva de comunidade.*

A definição objetiva do que é uma comunidade não pode ser apreendida de maneira simplista, sendo que é complexa a sua definição, para que possamos trabalhar e investigar esse importante espaço de socialização, é necessário aprofundá-la.

Em definitivo, temos que deixar de falar de áreas geográficas como comunidades, e apesar de que todo o grupo social está assentado em uma área, destacar o *âmbito de repercussão social* como possível comunidade real. (PORZECANSKI 1997, apud Souza, 1996, p.62)

É fundamental apreender a comunidade como um espaço amplo, diversificado e participativo, não meramente um espaço geográfico e territorial, para que assim a mesma possa se fortalecer enquanto um espaço de grande relevância social, uma vez que: “a comunidade é o cotidiano dos indivíduos e grupos que

partilham de condições sociais comuns e, face a elas, organiza o seu ambiente de relações dentro de uma dinâmica própria”. (PORZECANSKI 1997, apud Souza, 1996, p.66).

Cada vez mais se faz necessária a participação da população idosa nas suas comunidades, pois são esses espaços que geralmente se abrem para o envolvimento da população, sejam em questões políticas, econômicas, sociais, como também em atividades de lazer e entretenimento, todas de grande valia e que contribuem para a sociabilidade dos mesmos.

A participação enquanto processo social é fundamental em todos os âmbitos da vida cotidiana do idoso, quanto maior a qualidade de sua participação, melhores serão os resultados obtidos pelos mesmos nas diversas esferas de suas vidas. Os grupos de idosos, as associações de moradores, os clubes recreativos, os clubes de mães e etc, são alguns dos espaços em que os idosos podem participar, exercendo assim sua cidadania e convivendo com diferentes sujeitos.

A participação não é uma questão do pobre, do miserável, ou do marginal; é questão a ser refletida e enfrentada por todos os grupos sociais que não chegam a penetrar as decisões que dizem respeito às suas condições básicas de existência. Por esse ângulo, a participação, longe de ser política de reprodução da ordem, é, sobretudo, questão social. (PORZECANSKI, 1977 apud Souza, 1996, p.81).

Gostaríamos de enfatizar que, no presente estudo não priorizamos o recorte de renda, pois nesse caso a renda não é uma das características fundamentais para analisar o convívio social. Justificamos o referido, uma vez que temos a concepção de que todos os idosos, independente da renda, necessitam do convívio e da participação social, embora reconheçamos que os idosos de baixa renda têm menos possibilidades de acesso a atividades de lazer e cultura, dentre diversas atividades que possibilitam a interação e a fruição.

Contudo, aqui tivemos por objetivo destacar a relevância do convívio para a vida humana e para o seu desenvolvimento ativo, que precisa ser garantido ao longo da existência, independentemente de suas condições materiais. Por isso, também, é de fundamental importância que se desmistifique a necessidade de garantir-se a participação social, como sendo algo que precisa ser estimulado somente em

relação às camadas mais pauperizadas da população, mesmo porque os processos de alienação e interdição são transversais às classes sociais.

A participação do idoso em espaços existentes na comunidade propicia o convívio social não somente com outros idosos, mas com outros sujeitos de diferentes idades. Conseqüentemente a intergeracionalidade se faz presente: algo que é tão pouco valorizado em nossa sociedade, mas que possui um valor extremo, pois trocas, aprendizados e respeito mútuo podem ser construídos através do convívio intergeracional.

Em um contexto em que:

A banalização da vida humana, desemprego, violência, violação dos direitos e exploração intensa da força de trabalho caracterizam a vida cotidiana do tempo presente, em que assume grande visibilidade social o apelo à valorização da individualidade. (SANTOS, 2008 p.64).

O contexto em que vivemos, caracterizado pelo egocentrismo elevado ao extremo, pela desvalorização do coletivo e pelo não reconhecimento de sua potencialidade, é um dos fatores que dificulta o investimento social em estratégias que viabilizem o convívio entre gerações. Soma-se a isto o preconceito em relação à pessoa idosa e ao que ela pode oferecer à sociedade, pois o culto à aparência, à exaltação da juventude e da força física e à agilidade mental, marcam a cultura do tempo presente. Ainda há muito que se aprender sobre o processo de envelhecimento, tendo em vista que o mesmo pode ser considerado como:

[...] um processo evolutivo, um ato contínuo, isto é, sem interrupção, que acontece a partir do nascimento do indivíduo até o momento de sua morte. Envelhecer é a marcha natural pela qual todo ser humano obrigatoriamente passa; é o processo constante de transformação. Uma pessoa poderá vir a falecer com 5, 18, 40 anos e, mesmo assim terá “envelhecido” durante os anos em que viveu. (COSTA, 1999, p.26)

O entendimento do processo de envelhecimento é imprescindível para trabalhar e conviver com idosos. É necessário entender suas especificidades e particularidades, no intuito de melhor contribuir para que seu cotidiano tenha mais qualidade. O entendimento deve ser recíproco, pois o idoso também necessita compreender as especificidades e particularidades dos demais sujeitos, como os jovens, por exemplo, com os quais o relacionamento na maioria das vezes tende a

ser conturbado. É necessário ao assistente social, tanto como profissional e como ser social,

Trabalhar os preconceitos, tanto os nossos como os da população a quem atendemos, assim como verificar como a alienação se manifesta em diversas esferas das nossas vidas, procurando analisar quais as emoções que costumam conduzir as nossas ações no cotidiano, implica em não ignorar o contexto histórico e político no qual vivemos. (FRANÇA, 2006, p.31).

Trabalhar em comunidade propicia ao profissional a proximidade com as diversas expressões da questão social e as diferentes formas de resistência a ela, dentre as quais destacamos a participação social. Participação entendida por nós como: “[...] processo social que existe independente da interferência provocada por um outro agente externo” (SOUZA, 1996, p.81). Cabe destacar que, através da participação social, outros processos sociais emancipatórios são desenvolvidos e contribuem para o avanço dos sujeitos no que se refere à concepção e à qualidade de participar, dentre os quais destacamos: a conscientização, a organização e a capacitação.

Ao se envolver em atividades existentes na comunidade, o idoso realiza o movimento de busca por atividades que irão impactar na sua qualidade de vida e no seu cotidiano. À medida que o idoso se envolve em projetos e atividades diferentes do que ele está acostumado a realizar, ganha novas responsabilidades e surge o sentimento de sentir-se útil à sociedade, independente do tipo de grupo em que participa. É necessário ressaltar que:

As pessoas que participam de grupos têm a possibilidade de quebrar com estereótipos de maneira mais fácil do que os demais indivíduos. Estas pessoas já precisaram quebrar com outros estereótipos para se engajarem em trabalhos grupais”. (SANTOS, 2002, p.10).

Muitas vezes, o idoso não consegue quebrar com as barreiras existentes na dinâmica familiar, como o preconceito que se cria em torno da pessoa idosa, vista como um ser frágil pela sua família, e que devido a isso, a melhor solução é deixá-lo em casa, supostamente protegido. Para que o idoso consiga superar estes estereótipos, ele já deve estar empoderado e fortalecido, de modo que assim ganhará forças para realizar o enfrentamento com a família.

A mudança de concepção em relação à população idosa é fundamental para que transformações efetivas ocorram. Enquanto a sociedade continuar com a visão de que pessoas acima de 60 anos são velhas e incapazes, pouco se investirá nessa população. A Organização das Nações Unidas, através do Plano de Ação Internacional contra o envelhecimento (2002, p. 34) define que:

Uma sociedade para todas as idades inclui o objetivo de que os idosos tenham a oportunidade de continuar contribuindo para a sociedade. Para trabalhar para a consecução desse objetivo, é necessário eliminar todos os fatores que excluem ou discriminam essas pessoas. A contribuição social e econômica dos idosos vai além de suas atividades econômicas, já que com frequência essas pessoas desempenham funções cruciais na família e na **comunidade**. Muitas de suas valiosas contribuições não se medem em termos econômicos, como no caso dos cuidados prestados aos membros da família, o trabalho produtivo de subsistência, a manutenção dos lares e a realização de atividades voluntárias na comunidade. (Grifos nossos).

Sabemos que a sociedade contemporânea é contraditória e dinâmica, assim, para compreendê-la faz-se necessário superar o senso comum. Percebemos essa superação como um processo lento e gradual, que será possível com a contribuição e democratização de informações e conhecimentos acerca da realidade social, assim como dos direitos sociais.

Nesse sentido a pesquisa possui um papel fundamental, pois contribui para dar visibilidade às informações que são ocultadas pelas tramas constitutivas do real e a partir desse processo, instigar o debate coletivo e o compromisso coletivo com a realidade social da qual fazemos parte.

Acreditamos ser de grande valia elucidar que a participação se dá de diferentes maneiras: “Participar significa trabalhar coletivamente, incluir-se nas discussões e proposições de alternativas, no planejamento de ações, na concretização de planos, na gestão, no controle e na avaliação das atividades” (BULLA e KUNZLER, 2005, p.87).

O sentir-se pertencente a um grupo, contribui para que os sujeitos sintam-se ativos dentro da sociedade, da mesma forma que contribui para que exerçam a participação para além do espaço grupal. Dessa maneira outros processos

fundamentais para o pertencimento social da pessoa idosa são trabalhados, tais como autonomia⁵, emancipação⁶ e fortalecimento⁷ dos sujeitos.

O Serviço Social possui uma tarefa extremamente complexa, pois lida com as expressões da questão social presentes na vida das pessoas, bem como tudo o que delas decorrem e que move o significado de vida dos sujeitos, como medos, anseios, dúvidas, incertezas e etc., e como contraponto, as esperanças, os desejos, os sonhos.

Diante disso, por sermos uma profissão que se caracteriza como interventiva, logo, que se propõe a contribuir com processos de transformação social, não podemos perder de vista os aspectos relativos à promoção da qualidade de vida dos usuários. Para tanto, é fundamental desocultarmos a dinâmica existente na sociedade capitalista e o estímulo ao individualismo que invade, sistematicamente, a vida dos sujeitos, às vezes de modo explícito e, outras vezes, de modo velado. Este processo instiga que os sujeitos percam a sensibilidade e permaneçam em um constante estado de competição, no qual a pessoa idosa nada mais é do que um apêndice, ou algo que, uma vez “inútil” como mercadoria, pode simplesmente ser descartada.

A vigência do senso comum por parte da sociedade deve ser trabalhada no âmbito da conscientização. Por isso, o Serviço Social trabalha com a perspectiva de desmistificar estereótipos que vão sendo arraigados no imaginário social e que afetam diretamente a prática de alguns profissionais inseridos no mercado de trabalho, assim como o próprio idoso, uma vez que o mesmo não se percebe como sujeito cidadão e participativo.

Porém, a partir de sucessivas aproximações a essa realidade, acreditamos que muitos idosos poderão realizar um movimento de superação e fortalecimento,

⁵ “De acordo com sua etimologia grega, o termo autonomia significa a condição de um indivíduo ou de um grupo suscetível de se determinar por si mesmo, segundo suas próprias leis. Não se trata da negação absoluta do meio físico e sócio-cultural, mas sim da capacidade (itálico) de tomar decisões enquanto ser, ou grupo racional e consciente”. (CATTANI, 1996, p. 146-147).

⁶ “A emancipação não é mais do que um conjunto de lutas processuais, sem fim definido. O que distingue de outros conjuntos de lutas é o sentido político das processualidades das lutas. Esse sentido é, para o campo social da emancipação, a ampliação e o aprofundamento das lutas democráticas em todos os espaços estruturais da prática social”. (SANTOS, 2003, p.277).

⁷ “Um processo que procura promover a participação, visando ao aumento do controle sobre a vida por parte de indivíduos e comunidades, a eficácia política, uma maior justiça social e a melhoria da qualidade de vida”. (CARVALHO, 2004, p. 1090).

de modo que possam buscar novas estratégias para o enfrentamento do cotidiano e das vulnerabilidades sociais a que são expostos. Uma vez que se reconheçam como sujeitos e não mais como indivíduos isolados na sociedade, terão sem dúvida mais força, afinal, essa é a faixa etária da população que mais cresce mundialmente.

A população brasileira vem envelhecendo desde o início da década de 60, quando a taxa de fecundidade começou a alterar a estrutura etária, estreitando progressivamente a base da pirâmide populacional. Passados 35 anos, a sociedade já se depara com um tipo de demanda por serviços médicos e sociais, outrora restrito aos países industrializados. Em um contexto de importantes desigualdades regionais e sociais, os idosos não encontram amparo adequado no sistema público de saúde e previdência; acumulam seqüelas das doenças crônico-degenerativas e complicações dela decorrentes, desenvolvem incapacidades, perdem autonomia e qualidade de vida. (CHAIMOWICZ, 1998, p.92).

Está cada vez mais clara a necessidade de criação de serviços públicos destinados a essa parcela da população, tendo em vista que o contingente de pessoas com mais de 60 anos aumenta a cada ano. Contudo, é evidente o pouco preparo governamental para o atendimento das demandas que vêm surgindo e, que sem dúvida se ampliarão, em decorrência do aumento da longevidade.

Estar preparado significa também buscar alternativas para superar o senso comum impregnado na sociedade em relação ao envelhecimento, para que as propostas, projetos e políticas destinadas a essa população não sejam respostas residuais e de pouco alcance social.

Cabe salientar que a pouca valorização do idoso é característica de nossa cultura ocidental, fortemente marcada pela cultura da mercantilização oriunda do modo de produção capitalista, para quem aquele que está fora do mercado de trabalho não tem valor. Outras culturas tratam de modo diferenciado o idoso, valorizando sua experiência acumulada e buscando alternativas de melhor aproveitar sua bagagem para o aprimoramento da sociedade, fazendo com que o sentimento de pertença e auto-estima se mantenha estimulado. É o caso das culturas japonesas e indígenas.

A vivência e participação dentro da comunidade pode se tornar um forte aliado na emancipação, fortalecimento e aumento da qualidade de vida do idoso. Para isso, entendemos que deve haver um maior comprometimento do poder público em termos de iniciativas que possam favorecer essa interconexão,

lembrando que tais serviços estão sendo criados, porém, na ótica do terceiro setor, pouco se vê a participação efetiva do Estado em alternativas de convívio para a população idosa.

2.4A SOCIEDADE E SEU PAPEL EM RELAÇÃO AO CONVÍVIO

Como já percebemos o convívio não é algo pronto e isolado e sua qualidade é condicionada por diversos fatores, dentre eles pretendemos destacar nesse subcapítulo a sociedade e seu papel em relação a esse direito comum a todas as idades, enfatizando a população idosa e as políticas públicas ofertadas pelo Estado, pois entendemos que,

[...] por mais que o homem envelheça, por mais que a sociedade determine sua idade e classifique-o como velho, enquanto viver, ele não deixará de “ser”, de “existir” como pessoa e de ter direito a um espaço dentro da sociedade. (COSTA, 1999, p.50).

A partir da Constituição Federal de 1988, a proteção social aos sujeitos foi garantida por meio da lei, no entanto a pessoa idosa teve, a partir da LOAS (1993), a menção de que a proteção a essa fase da vida seria reconhecida através de uma lei específica. O art. 2º da LOAS (1993) define os objetivos da assistência social, sendo que o primeiro deles versa sobre “a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e **à velhice**” (Grifos nossos).

A Política de Saúde do Idoso (1999) foi uma das grandes conquistas legais para a população idosa, juntamente com o Estatuto do Idoso (2003), que foi efetivado alguns anos após a Política de Saúde do Idoso.

Dentre as diretrizes da Política de Saúde do Idoso (1999), destacam-se:

- a promoção do envelhecimento saudável;
- a manutenção da capacidade funcional;
- a assistência às necessidades de saúde do idoso;
- a reabilitação da capacidade funcional comprometida;
- a capacitação de recursos humanos especializados;
- o apoio ao desenvolvimento de cuidados informais ; e
- o apoio a estudos e pesquisas.

O Estatuto do Idoso (2003) foi consolidado através das ações da sociedade civil, engajada nesse processo de efetivação dos direitos e deveres da pessoa idosa, após incansáveis lutas e com o apoio da mídia: através de uma novela em que idosos eram maltratados e nada se podia fazer para reverter essa situação em termos de leis específicas. Após um forte apelo midiático, foi promovido o estatuto, um dos grandes aliados na luta pela defesa e garantia dos direitos dessa parcela da população.

O Art. 9º do Estatuto do Idoso (2003) diz que: “É obrigação do Estado, garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade”.

O que se percebe atualmente é o sucessivo afastamento do Estado no atendimento das demandas e necessidades sociais. Pois, no atual contexto orientado pelas políticas neoliberais, há a preconização da redução do Estado Social, de modo que seus recursos anteriormente destinados à proteção social devem ser reordenados para as áreas de interesse do capital. Da mesma forma, a responsabilidade por esses serviços e ações é direcionada à sociedade civil, perdendo com isto o estatuto de direito e retrocedendo à benesse e à boa vontade, ou seja, a um processo para “refilantropização” da questão social.

Os direitos conquistados na Constituição Federal de 1988, cuja materialização se realiza via políticas sociais, por seu caráter universal, pressupõe um Estado forte, com contingente significativo de recursos humanos capacitados para atendimento da população, Estado este cuja primazia na condução da política é considerada fundamental.

A sociedade civil por sua vez, tem papel fundamental nesse processo, mas como parceira e não como instância que substitui o Estado, e principalmente para a realização do controle social de modo a democratizar decisões e manter a qualidade dos serviços ofertados. Isto requer também investimentos de parte do Estado para a capacitação dos representantes da sociedade civil em instâncias como Fóruns e Conselhos, para que este debate seja adensado e politizado.

Neste processo, em que pese o avanço conquistado na Constituição Federal e, a partir de Leis e Normativas para sua materialização, que se constituíram após

a sua promulgação, sofreram um influxo importante na década de 90 do século XX e, hoje temos em disputa dois projetos: um que busca consolidar os avanços conquistados na CF, e outro inspirado no neoliberalismo, que busca capturar o Estado para ser o interlocutor de seus interesses privados em detrimento dos interesses maiores da coletividade. Nesta óptica, as responsabilidades públicas são repassadas para o terceiro setor e, aquelas áreas que podem ser mercantilizadas são privatizadas, especialmente os serviços considerados lucrativos.

A fim de exemplificar, citamos a privatização da saúde, (planos privados) da previdência, da educação, entre tantas outras iniciativas. Por outro lado, o apoio do capital internacional às iniciativas que restringem a ação do Estado no que concerne às políticas sociais é evidenciada por vários estudos.

O BIRD e o FMI estimulam a Universidade operacional e tecnológica, as iniciativas que se pautam pela solidariedade e a ampliação de ONG's, as parcerias público-privadas, entre outras iniciativas de mesma ordem. Com isso é aberto o espaço para a emergência do terceiro setor.

É importante salientar que, no momento em que Estado, Mercado e Sociedade Civil são segmentados em *primeiro*, *segundo* e *terceiro* setor, respectivamente, há uma significativa contribuição (negativa) para que novamente se reforce a fragmentação e setorialização, não apenas das políticas públicas, mas da realidade social de modo geral. Acreditamos que, para fins didáticos, essa separação seja válida, mas ao fragmentar a realidade social, temos como consequência a falta de visão da totalidade do real. Dessa maneira,

é que falar de “primeiro”, “segundo” e “terceiro” setores tem o efeito político e ideológico de *segmentar a totalidade social* (desmontando as articulações realmente existentes entre Estado, sociedade civil e mercado, mutuamente ligados) e *desistoricizar* a realidade, seguindo os esquemas liberal, positivista e neopositivistas (funcionalista, estruturalista, sistêmico). (MONTAÑO, 2002, p.135).

No momento em que vivemos de regressão total de direitos, o terceiro setor se apresenta como criador e gestor de serviços que atendam às necessidades que se apresentam em decorrência do aumento da expectativa de vida da população. Sendo assim,

[...] a afirmação do direito à convivência familiar e comunitária de crianças, adolescentes, idosos, doentes mentais e a postulação da responsabilidade

da sociedade civil na proteção social desses segmentos tem sido perversamente utilizada para uma maior responsabilização da família e para a delegação à mais variada gama de ONG's (organizações não-governamentais) a provisão do "bem-estar" aos idosos, crianças e adolescentes. (MIOTTO, 2008, p.144).

O que se deve considerar é que o terceiro setor não substitui o Estado de forma alguma, devendo ter seu próprio objetivo social. O que se tem cada vez mais presente são as parcerias entre o primeiro e o segundo setor, parcerias estas extremamente questionadas, principalmente quando realizadas com o Estado, pois a questão posta é: tendo em vista que seria o principal responsável, se o Estado repassa recursos a essas organizações, por que não se responsabiliza pelo atendimento total das demandas sociais?

Esse questionamento é debatido por Montaña (2002, p.199), no momento em que suscita essa dúvida e também a esclarece:

Mas por que o Estado, que vem se omitindo em sua responsabilidade de intervenção social, repassa recursos públicos para as entidades do "terceiro setor" mediante a parceria? Na verdade esta parceria fundamenta-se, por um lado, na real redução relativa de gastos sociais; é mais barato que as ONGs prestem serviços precários e pontuais/locais, do que o Estado, pressionado por demandas populares e com as necessidades/condições da "lógica democrática", desenvolva políticas sociais universais permanentes e de qualidade).

Essa concepção deve estar clara, para aqueles que trabalham e estudam os rebatimentos e conseqüências da parceria entre terceiro setor e Estado. Cabe ressaltar que a visão simplista de que as ações do Estado são sempre negativas, ou de que a sociedade civil tem suas ações realizadas sempre de maneira positiva frente à realidade social deve ser superada, pois ambas as partes possuem seus aspectos positivos e negativos, assim como suas contradições. Cabe reafirmar que: *"o debate sobre o "terceiro setor" geralmente envolve a aceitação, como premissa, implícita ou explícita, porém inquestionada, tanto da sociedade da escassez como da crise fiscal do Estado".* (MONTAÑO, 2002, p.150).

Com a crescente expansão do terceiro setor, sob o discurso da crise do Estado, a oferta de serviços para o atendimento das demandas sociais aumentou, porém não com a qualidade desejada por esses usuários, isso ocorre por diversos fatores, dentre eles, entendemos como o principal a despolitização das demandas sociais.

Problematizar acerca do terceiro setor envolve diversas contradições, pois ao mesmo tempo em que esses serviços são oferecidos em grande quantidade, sua qualidade é fortemente afetada, seja por dificuldades em angariar recursos, seja por falta de qualificação profissional para o trato das questões oriundas das necessidades dos sujeitos e etc.

O Estatuto do Idoso (2003) em seu artigo 46 diz que: “A política de atendimento ao idoso far-se-á por meio do conjunto articulado de ações governamentais e não-governamentais da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.”

No âmbito público a proteção social operacionaliza-se através do Estado, que tem a função legal de garantir o bem-estar coletivo através da concretização de políticas sociais, que implicam a articulação de uma complexa rede de recursos institucionais, políticos e econômicos. (MIOTO, 2008, p.135).

A fragmentação dessas organizações e de suas ações é o reflexo da sociedade em que vivemos atualmente, onde tudo é segmentado, desde as pequenas ações em uma ONG destinada à população idosa, até a política pública que atende ao idoso, sem nenhuma interlocução que garanta a intersetorialidade entre as políticas e as diversas ações desenvolvidas pela sociedade civil como um todo. Esse mesmo exemplo pode ser usado para crianças, adolescentes, famílias e etc.

É necessário salientar que os serviços oferecidos pelas organizações de terceiro setor devem ser qualificados, pois não se pode negar a importância dos mesmos no cotidiano da população usuária, no entanto devemos sempre ter a atenção voltada para a crítica e a visão consciente do que a emergência desse setor significa na dinâmica societária, pois,

Mal poderia o chamado “terceiro setor” compensar, em quantidade, qualidade, variedade e abrangência, as políticas sociais e assistenciais abandonadas pelo Estado. Com todas as observações que possam ser feitas à Loas, o “terceiro setor” se integra muito mais à lógica fragmentadora do Programa Comunidade Solidária. (MONTAÑO, 2002, p. 169-170).

Alguns autores possuem uma visão fatalista do terceiro setor. Até certo ponto temos de compartilhar com a idéia de Montañó, pois a maioria das ações realizadas pelo terceiro setor não possuem efetivamente uma qualidade comprovada. Por outro

lado temos que ter a plena consciência de que o terceiro setor não irá dar conta das mazelas da questão social por si só, por isso mais uma vez reafirmamos a necessidade da interlocução entre os diversos setores, para que os objetivos dos mesmos sejam alcançados, visando sempre a melhoria da qualidade de vida da população e a garantia de direitos dos cidadãos, uma vez que

[...] as condições objetivas de vida agravadas cada vez mais pela precariedade do trabalho, pelo aumento exponencial dos riscos do trabalhador e conseqüentemente pelo aumento da desproteção de mulheres, crianças e outros dependentes, ratificaram progressivamente os limites e a incapacidade do capitalismo liberal de garantir, através apenas da família e do mercado, qualquer forma de bem-estar coletivo. (MIOTO, 2008, p. 133).

De qualquer maneira, não podemos ter uma visão fatalista da realidade, pois mesmo com o afastamento do Estado, no que tange a proteção social, e a emergência do terceiro setor e da transferência da responsabilidade para a sociedade civil das ações que deveriam ser obrigação do Estado, muitos avanços referentes à proteção social, em especial para a população idosa foram conquistados.

Os idosos vêm trilhando um caminho de reconhecimento social, mesmo que esse ainda seja incipiente, através das diversas legislações que reconhecem esse segmento populacional como cidadãos que fazem parte da dinâmica societária.

3 O CAMINHO PERCORRIDO

No presente capítulo, demonstraremos o caminho percorrido durante o processo de construção da dissertação, desde a delimitação do tema, até nossas escolhas metodológicas, que refletem nossa visão de homem e de mundo, colaborando para uma análise crítica da realidade encontrada.

3.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

- O resultado do convívio social no cotidiano do idoso inserido em espaços coletivos no município de Porto Alegre/RS.

Buscamos investigar as diferentes alternativas de convívio social acessíveis ao idoso morador da cidade de Porto Alegre/RS, especificamente em espaços coletivos que se direcionam à terceira idade, ou seja, a parcela da população com idade igual ou superior a 60 anos de idade.

Entre elas destacam-se os grupos de convivência, operativos, religiosos, de lazer, culturais, interativos, enfim, espaços onde o acesso ao convívio como um direito social seja garantido a estes sujeitos.

Nesta perspectiva, o debate que nos interessa é a concepção da importância do convívio, que para além de um direito formal constitui-se como uma necessidade humana. Entendemos que a participação em espaços de convivência possa ser estimulada com maior relevância, através da interação entre os sujeitos que compõem o grupo.

3.2 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Qual o resultado do convívio social na qualidade de vida do idoso que participa de espaços coletivos de interação no município de Porto Alegre?

3.3 QUESTÕES NORTEADORAS

- O que leva os idosos a buscarem alternativas de participação em espaços coletivos?
- Quais as mudanças significativas no cotidiano dos idosos verificadas a partir de sua participação nos espaços coletivos?
- Quais os resultados gerados pelo convívio social nas diversas esferas da vida cotidiana dos idosos?

- Qual o significado do convívio social para o idosos?

3.4 OBJETIVOS

3.4.1 Objetivo geral

Conhecer as reais contribuições e significados do convívio social em espaços coletivos na vida cotidiana dos idosos, a fim de contribuir com o processo de autonomia, emancipação e fortalecimento dos mesmos.

3.4.2 Objetivos específicos

- Analisar o que leva os idosos a buscarem alternativas de participação em espaços coletivos;
- Identificar as motivações que impulsionaram os idosos a participarem de espaços coletivos;
- Identificar os resultados gerados pelo convívio social nas diversas esferas da vida cotidiana dos idosos;
- Analisar o significado do convívio social para o idoso.

3.5 METODOLOGIA

A produção do mestrando, por muitas vezes pode se configurar como um processo individualizado, no sentido de que geralmente se pesquisa e produz sobre algo que instiga interiormente o aluno-pesquisador. No entanto, essa percepção deve ser superada levando em consideração que a pesquisa, como de resto toda a produção tem um caráter político e coletivo, porque resulta de acúmulo social. Marx (2006, p.40) reflete tal pensamento da seguinte maneira: *“Mesmo nos momentos em que eu sozinho desenvolvo uma atividade científica, uma atividade que raramente posso levar ao fim em direta associação, sou social, porque é como homem que realizo tal atividade”*.

Tudo o que se desenvolve como produção concreta ou como trabalho é resultado de relações sociais. Diante disso, o compromisso do pesquisador com o problema de pesquisa elaborado não diz respeito apenas às suas inquietudes, mas sim às questões que são relevantes para a sociedade em geral, daí a importância da pesquisa e da produção de conhecimentos para o conjunto da sociedade.

Através da metodologia demonstra-se o caminho do trabalho a ser pesquisado, os passos a serem dados, as escolhas de cada pesquisador, bem como o seu paradigma e referencial teórico. Minayo (2004, p.16) afirma que metodologia é:

[...] o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Neste sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas. Dizia Lênin (1965) que “o método é a alma da teoria” (p.148), distinguindo a forma exterior com que muitas vezes é abordado tal tema (como técnicas e instrumentos) do sentido generoso de pensar a metodologia como a articulação entre conteúdos, pensamentos e existência.

Portanto, a metodologia possui a relevância de dar visibilidade as escolhas de cada pesquisador, evidenciado aquilo que o mesmo acredita, para tanto, de acordo com LEFEBVRE (1991, p. 249): *“o método é a consciência da forma do movimento interno do seu conteúdo”*.

O presente estudo foi realizado tendo como base o paradigma dialético crítico, fundamentado pelo materialismo histórico, pois entendemos que,

O paradigma dialético crítico, em termos de pesquisa prioriza o desvendamento das contradições que conformam a realidade de sujeitos, grupos, organizações, sociedades, como processo necessário e processual, do mesmo modo que privilegia a interpretação da realidade à luz de sua contextualização histórica, para que seja possível captar as conexões e os

movimentos que a engendram, chegando a totalidade concreta, que não se revela a um primeiro olhar, mas necessita ser desvendada em suas tramas constitutivas. (BULLA, MENDES e PRATES, 2004, p.61).

A escolha do método é de extrema relevância, pois através dessa escolha o pesquisador demonstra sua visão de homem e de mundo: “o método tem uma função fundamental: tornar plausível a abordagem da realidade a partir de perguntas feitas pelo investigador”. (MINAYO, 2006, p.54).

Optamos por utilizar a abordagem quantitativa e qualitativa, pois entendemos que ambas complementam-se em uma relação dialética, pois: “[...] a causalidade científica pressupõe um mundo - no qual – a *qualidade* não se separa do “*mais e do menos*”, do aspecto quantitativo”. (LEFEBVRE, 1991, p. 199).

A abordagem qualitativa foi privilegiada em relação à quantitativa, pois acreditamos na importância de dar voz aos sujeitos, tendo em vista que é através de suas concepções que poderemos inferir contribuições para a mudança da realidade social. De modo que,

O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produto das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. (MINAYO, 2004, p.57).

O método qualitativo permite que os pesquisados, assim como os pesquisadores, tenham uma maior flexibilidade durante o processo de entrevista e de análise dos dados, sem deixar de lado o rigor científico, pois muito se discute sobre a cientificidade da pesquisa qualitativa. Acreditamos que a mesma é de extrema relevância, principalmente na área social, em que é tão importante darmos voz aos sujeitos. Minayo (2004, p.57) refere-se à pesquisa qualitativa destacando que, esse modo de investigação:

[...] além de permitir desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos particulares, propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação.

Contudo, reconhecemos que os dados quantitativos e qualitativos são complementares, pois não há quantidades que não sejam de uma qualidade e nem

qualidades que não sejam resultados de tempos históricos, portanto de um acúmulo quantitativo. A própria lei dos saltos, fundamental à dialética, mostra o processo de mudança que, lenta e gradual, sofre bruscamente pela incidência de fatores quantitativos, uma mudança no seu estado qualitativo. (Lefebvre, 1991).

Na abordagem qualitativa, buscamos ouvir e interpretar a fala dos sujeitos entrevistados. Todos os dados foram alicerçados pelos fundamentos do referencial teórico, assim como as categorias do método: Totalidade⁸, Historicidade⁹ e Contradição¹⁰, pois, a partir dessas categorias realizamos a análise do real com embasamento, para além de somente desvendar, propor alternativas de mudança, pois,

Para Marx só uma coisa importa: descobrir a lei dos fenômenos que ele pesquisa. Importa-lhe não apenas a lei que os rege, enquanto têm forma definida e os liga relação observada em dado período histórico. O mais importante, de tudo, para ele, é a lei de sua transformação, de seu desenvolvimento, isto é, a transição de uma forma para outra, de uma ordem de relações para outra. Descoberta essa lei, investiga ele, em pormenor, os efeitos pelos quais ela se manifesta na vida social. (LEFEBVRE, 1989, p. 14-15).

O intuito dessa investigação foi justamente descobrir a lei, que nesse caso caracteriza-se pelo convívio social como uma necessidade humana e como uma possibilidade da população idosa se reconhecer em todas as suas potencialidades, objetivando transformações efetivas na realidade cotidiana dos mesmos, buscando um caminho da ampliação e promoção da cidadania.

Além das categorias do Método, é fundamental destacarmos as categorias explicativas da realidade com as quais trabalhamos durante todo o processo de construção da dissertação. A categoria central é o *processo de envelhecimento*, uma vez que, ao falar em envelhecimento deve-se levar em consideração que o mesmo é

⁸ “A compreensão da relação todo/parte (...) pede por uma explicação que mostre como tal instituição coopera ativamente para produzir e/ou reproduzir as relações sociais existentes”. (CURY, 1985, p.35).

⁹ “(...) a **historicidade** dos fenômenos sociais, reconhece a processualidade, o movimento e a transformação do homem, da realidade e dos fenômenos. Significa que os fenômenos não são estáticos, estão em curso de desenvolvimento e, portanto só podem ser apreendidos a partir do desvendamento deste movimento, por cortes históricos”. (PRATES, 2003, p.142).

¹⁰ “Num sentido amplo, filosófico, que não se confunde com o sentido que a lógica confere ao termo, a *contradição* é reconhecida pela dialética como princípio básico do movimento pelo qual os seres existem”. (KONDER, 1985, p.49).

um processo, portanto não está dado, eis que no momento do nascimento já se começa a envelhecer. Diante disso, é necessário ressaltar as possibilidades de construção de protagonismo durante todas as etapas da vida, que irão contribuir para um envelhecimento cidadão.

O *convívio social* é parte estruturante da presente dissertação, pois, ao longo dessa produção procuramos desmistificar a banalização existente em relação ao convívio, sendo que pouco se discute sobre a sua relevância, exatamente por se pensar que o convívio é algo natural da vida cotidiana. Por outro lado, a importância de estar se centrando nessa categoria é justamente a banalização do termo, que implica em naturalizá-lo. O que ocorre na dinâmica da sociedade capitalista é ocultar e muitas vezes dificultar o convívio humano, principalmente no segmento populacional dos idosos, que ao sofrerem discriminação e serem estigmatizados, são colocados como “invisíveis” diante dessa sociedade.

Embora o homem seja um indivíduo único – e é justamente esta particularidade que o torna um indivíduo, um ser comunal realmente individual – ele é igualmente o todo, o todo ideal, a existência subjetiva da sociedade como é pensada e vivenciada. (MARX, 1993, p. 119).

Diante dessa reflexão de Marx, pode-se pensar acerca da estrutura da sociedade enquanto um espaço de coletividade, e que ao definir homens e mulheres como seres únicos e subjetivos, não se está negando a importância da coletividade e sim reforçando que os indivíduos devem se completar, unir suas particularidades, sem perder a subjetividade. Por último, destacamos a categoria *qualidade de vida*, entendida por nós como:

A percepção que o indivíduo tem de sua posição na vida dentro do contexto de sua cultura e do sistema de valores de onde vive, e em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. É um conceito muito amplo, que incorpora de uma maneira complexa a saúde física de uma pessoa, seu estado psicológico, seu nível de dependência, suas relações sociais, suas crenças e relação com características proeminentes no ambiente. (OMS, 1994, p.24).

Ou seja, a qualidade de vida, não diz respeito somente à ausência de doenças, mas a diversos fatores que impactam diretamente no cotidiano da população.

A pesquisa bibliográfica foi uma constante em todas as etapas do estudo. Pois, é através do estudo bibliográfico que realizamos a interpretação do real, tendo em vista o aprofundamento da realidade cotidiana dos idosos que participam de espaços coletivos e a relevância da temática para o Serviço Social, com vistas a qualificar o estudo e as proposições finais, no que tange o convívio social e a sociabilidade humana. Destacamos que,

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas. (MARCONI, LAKATOS, 2002, p.71).

Gostaríamos de salientar que nos preocupamos em percorrer diversas fontes que não fossem somente do Serviço Social, a fim de evidenciar a preocupação de outras áreas em relação ao envelhecimento, demonstrando assim, a emergência desse tema no cenário mundial.

Marx (1989, p.16), ao descrever o processo de investigação, afirma que:

A investigação tem de apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento, e de perquirir a conexão íntima que há entre elas. Só depois de concluído esse trabalho, é que se pode descrever, adequadamente, o movimento do real.

A pesquisa é um importante instrumento de trabalho, não somente do assistente social, mas de diversas profissões que têm o intuito de desvendar a realidade social, de conhecer para intervir. Minayo (2004, p.47) define a pesquisa como:

[...] a atividade básica das Ciências na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino. Pesquisar constitui uma atitude e uma prática teórica de constante busca e, por isso tem a característica do acabado provisório e do inacabado permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados, pensamento e ação.

Nosso estudo foi realizado através de uma seleção de sujeitos, compreendendo 10 idosos que participam de dois diferentes espaços de convivência, sendo o primeiro grupo de convivência do município de Porto Alegre, ligado à Universidade (grupo *Alfa*), e o segundo ligado à Igreja Católica (grupo *Beta*), no mesmo município. Optamos por realizar as entrevistas em diferentes espaços de convivência, com a finalidade de analisar os diferenciais e potenciais de cada espaço.

Foi utilizada como técnica de coleta a entrevista do tipo semi-estruturada¹¹, realizadas com os sujeitos selecionados. De acordo com Triviños (1987, p.146):

Podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

Para uma obtenção mais fidedigna do registro dos dados coletados na entrevista, a mesma foi gravada, com o prévio consentimento dos sujeitos entrevistados. Para tanto utilizamos um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no intuito de preservar a identidade e liberdade do entrevistado em participar ou não do estudo, tendo em vista a garantia do sigilo com relação às suas falas. É muito importante ressaltar a ética e o cuidado com o não constrangimento do sujeito entrevistado, garantindo não só a possibilidade de escolha em participar ou não do processo sem qualquer constrangimento, como também a possibilidade de interrupção da entrevista a qualquer momento.

É importante destacar que a escolha das técnicas utilizadas não se deram ao “acaso”. Entendemos que a entrevista seja fundamental para tentar compreender o sujeito em sua subjetividade e individualidade. No entanto, entendemos ser importante também apreender as concepções de vida dessa população de uma forma coletiva. Para tanto, realizamos uma coleta coletiva com apenas um dos grupos de idosos. A escolha foi feita por aquele grupo que mostrou interesse e disponibilidade nas agendas já acordadas.

¹¹ Ver apêndice 01.

A temática da coleta coletiva foi: *qualidade de vida*. Propiciamos um espaço coletivo de reflexão e aprendizado que contribuiu para que os mesmos pudessem se reconhecer como seres-humanos integrais, recuperando a idéia do homem genérico e da humanização dos sentidos, que no decorrer do cotidiano muitas vezes acaba perdendo o real sentido. (MARX, 2006).

Os processos de coleta coletiva se constituem em estratégias para a obtenção de dados a partir da realização simultaneamente com muitos elementos do mesmo universo. Como vantagens apresentam a redução do período de coleta, a possibilidade de construções e reflexões grupais, o desenvolvimento de processos sociais durante a coleta. (PRATES, 2002).

Para a realização da coleta coletiva, utilizamos a técnica chamada Metaplan que,

[...] se constitui numa técnica que compõem o Método Zopp de planejamento Alemão e que consiste basicamente numa reflexão conjunta sistematiza a partir de registro de tarjetas de cartolina que são afixadas em uma folha de papel pardo com alfinetes e passam pela avaliação coletiva do grupo. Ao final do processo o grupo seleciona as idéias que melhor representam a sua posição coletiva, complementando construções e elaborações que são deslocadas do painel inicial e afixadas na construção da síntese grupal. Além de facilitar a apreensão dos diversos elementos do grupo através do processo de visualização, a sistematização fica registrada imediatamente e utiliza-se o registro fotográfico dos painéis para documentar o processo. (PRATES, 2002).

Posteriormente à coleta dos dados, organizamos o material da coleta direta e da coleta coletiva e utilizamos a técnica de análise de conteúdo, como forma essencial para a interpretação das diferentes expressões e concepções coletadas junto aos sujeitos pesquisados, tendo em vista os objetivos a que se propõe este estudo. Para Bardin (1979, p. 57), a análise de conteúdo consiste em:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens.

As três etapas constituintes do processo de análise, de acordo com Bardin (1979), são as seguintes:

1ª) Pré-análise: esta fase consiste na organização e sistematização de idéias iniciais, para o desenvolvimento das futuras ações da análise de conteúdo. Consiste em organizar os materiais, realização de *leituras flutuantes*;

2ª) Descrição analítica: esta fase consiste em um estudo mais aprofundado através de referenciais teóricos. São utilizados procedimentos como: a codificação, a classificação e a categorização;

3ª) Interpretação referencial: irá se apoiar nos materiais que foram utilizados na fase da pré-análise, porém com maior grau de intensidade, constituindo a análise, que deve ser profunda, realizando uma mediação entre o conteúdo e a teoria de orientação de cada pesquisador.

Após os processos de análise dos dados, os mesmos serão socializados, pois este é um dever ético do pesquisador. Tal estudo possui o intuito de contribuir no sentido do aprimoramento das questões relacionadas ao envelhecimento, podendo subsidiar dados para a elaboração e aprimoramento das políticas sociais destinadas a essa parcela da população.

A crítica contida no estudo permite que se possa desvendar e mostrar a história em sua totalidade, privilegiando as contradições existentes na realidade. Este processo dar-se-á não só a partir da apresentação da dissertação, mas através de retornos diretos aos grupos que participaram do processo, além da elaboração de artigos sobre o tema do envelhecimento, com ênfase na importância do convívio e participação em eventos científicos para publicizar os achados e o processo realizado.

4 A REALIDADE ENCONTRADA

No presente capítulo, apresentaremos os dados referentes às entrevistas e à coleta coletiva realizadas com os idosos. Foram analisados os dados que consideramos ser de maior relevância para o estudo, efetivando dessa maneira as análises através de interpretações e mediações com os conteúdos teóricos por nós trabalhados, dando visibilidade à realidade encontrada.

4.1 OS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA PESQUISADOS

No momento em que decidimos realizar a pesquisa em grupos que se caracterizam por apresentarem diferentes alternativas de convívio no município de Porto Alegre, nossa intenção era realizarmos entrevistas em três grupos diferentes. No entanto, só foi possível realizarmos as entrevistas em dois grupos, pois houve diversas dificuldades em conseguir aceitação por parte da coordenação dos grupos, mesmo o NEDEPS (núcleo de pesquisa ao qual pertencemos) possuindo um grande banco de dados em relação aos grupos existentes em Porto Alegre e relações estabelecidas com os mesmos. As tentativas foram inúmeras e fracassadas, enquanto isso o tempo e os prazos estavam se estreitando, o que nos fez optar pela redução do tamanho da amostra.

Ao chegarmos aos grupos, primeiramente, apresentamos o estudo, explicando a relevância do mesmo e como se dariam as entrevistas. Logo após foi perguntado quem gostaria de participar, para que assim prosseguíssemos com o processo.

O 1º grupo a ser pesquisado foi o ligado à Igreja Católica, denominado por nós de grupo *Beta*. Foram feitas três visitas ao grupo, sendo a primeira para a

apresentação da pesquisa e convite aos idosos para que participassem da mesma. As outras duas visitas foram para a realização das entrevistas, o que totalizou 5 entrevistas.

Nossa intenção inicial era de realizarmos 15 entrevistas, distribuídas em 3 grupos diferentes. Como se tornou inviável a participação de um terceiro grupo na pesquisa, o total de entrevistas realizadas foram com 10 idosos, sendo 5 em cada grupo.

Ao realizarmos as entrevistas, fomos percebendo que algumas falas se repetiam, isso nos deixou mais tranquilos em relação ao número de participantes pesquisados, pois entendemos que foi possível reconhecer a saturação, logo, a redução do número de entrevistas não prejudicou o estudo. A técnica da saturação se caracteriza pela interrupção do processo quando os dados começam a se repetir, o que foi possível verificar ao longo do processo.

É importante salientar também que, a técnica de coleta coletiva foi aplicada no grupo *Alfa*, pois esse se mostrou mais receptivo e aberto à dinâmica. A coleta coletiva nos proporcionou um olhar acerca da percepção coletiva dos idosos sobre a sociedade, suas vidas e concepções.

Nossa intenção não era de generalizar achados, mas de adentrar ao mundo do idoso a partir do seu olhar, dos seus sentimentos, do modo como se percebe e percebe seu cotidiano. Além desse aspecto, a coleta coletiva estimula a unidade e a reflexão conjunta, portanto, tem um importante caráter pedagógico.

4.2 DESVENDANDO A PARTICIPAÇÃO DOS IDOSOS

Começaremos a análise dos dados obtidos através das entrevistas nos reportando à idade das idosas e a questão de gênero, pois 100% das entrevistadas eram mulheres, vale ressaltar que:

As mulheres vivem mais do que os homens em quase todos os lugares. Este fato reflete-se na alta parcela de mulheres por homem em grupos de

idade mais avançada. Por exemplo, em 2002, havia 678 homens para cada 1.000 mulheres de 60 anos ou mais na Europa. Em regiões menos desenvolvidas, havia 879 homens para cada 1.000 mulheres. As mulheres formam aproximadamente 2/3 da população acima de 75 anos em países como Brasil e África do Sul. (ONU, 2003, p. 54).

O grupo *Beta* não contava com participantes do sexo masculino, já o grupo *Alfa* tinha apenas um integrante do sexo masculino, porém o mesmo não se disponibilizou a realizar a entrevista, mas teve importante participação e contribuição na Coleta Coletiva, o que poderá ser verificado mais adiante.

Embora fosse o único participante masculino, liderava o grupo e se constituía como formador de opinião. Isso demonstra ainda uma certa submissão da mulher perante ao homem, mesmo com todos os avanços advindos do feminismo e da luta pelos direitos da mulher. Nesse sentido podemos evidenciar que:

Enquanto as mulheres possuem a vantagem da longevidade, elas são vítimas mais freqüentes da violência doméstica e de discriminação no acesso à educação, salário, alimentação, trabalho significativo, cuidado da saúde, heranças, medidas de seguro social e poder político. Essas desvantagens cumulativas significam que as mulheres, mais que os homens, têm maior inclinação para a pobreza e o sofrimento de deficiências em idades mais avançadas. (ONU, 2003, p.54).

Mais uma vez, cabe ressaltar que, o aumento acelerado da longevidade deve estar sempre ligado à qualidade de vida, pois como bem explicitado ao longo do trabalho, o processo de envelhecimento tende a ser um sofrimento para a população em geral e para a sociedade como um todo, que ainda não está preparada e apta para lidar com as demandas que o mesmo pode gerar. É importante destacar que:

A predominância da mulher nos grupos é realmente grande, caracterizando uma disposição feminina para as atividades grupais. As mulheres no período da velhice demonstram, na sua grande maioria, uma força interior inegável na sustentação de situações difíceis, são elas geralmente quem reerguem os familiares nos momentos de luto e através do exemplo. (J.L.O, 2007, P.111).

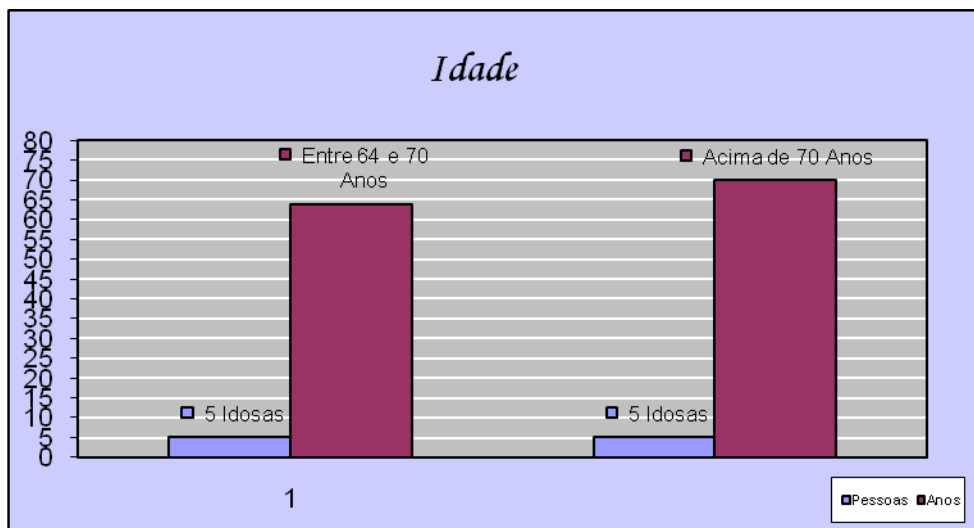
Ao chegarmos no grupo *Beta*, perguntamos às idosas se havia algum integrante masculino, e uma das idosas relatou que apenas um homem participava do grupo, mas no momento estava doente e não comparecia mais aos encontros. Ao finalizar sua fala disse: *“ah, mas homem não gosta mesmo de participar desse tipo de coisa, acha que é pra mulher”*.

É evidente a grande participação feminina na velhice em detrimento da participação masculina, mas temos que considerar também o fenômeno da feminização da velhice, o que contribui para que existam mais mulheres do que homens nessa etapa da vida, como podemos verificar:

A busca de programas sociais e atividades de grupos, disponíveis na comunidade, são meios de superar o isolamento. Aqui, mais uma vez, a mulher se destaca, pois alcança uma longevidade maior em relação ao homem. (J.L.O, p. 110).

Em relação à idade das idosas entrevistadas, constatamos que possuíam entre 64 e 88 anos: Cinco delas (50%) entre 64 e 70 anos e a outra metade mais de 70 anos, sendo que as maiores concentrações ficaram nas faixas dos 60 --/ 69 (4 idosas) e 80 --/ 89 anos (4 idosas).

Gráfico 1: Idade das Idosas



Fonte: Dados sistematizados pela autora, 2009.

Podemos perceber que as idosas, em sua maioria, têm uma idade avançada e que continuam ativas e buscando outras atividades para além do grupo, como podemos evidenciar através da fala dessa idosa, participante do grupo *Alfa*: “*Eu sempre procuro algo mais pra fazer, não gosto de ficar parada, tenho que aproveitar*”

que eu tenho saúde, quantas queriam estar fazendo o que eu faço e estão numa cama”.

Idosos com mais de 80 anos são uma realidade no mundo e no Brasil. Através dos avanços da medicina, a tendência é que o tempo estimado de vida da população aumente consideravelmente:

A participação de pessoas com mais de 80 anos de idade na composição da sociedade brasileira foi a que mais cresceu entre os grupos etários de idosos citados na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O estudo intitulado Síntese de Indicadores Sociais, publicado em 2006, aponta a existência de 2,4 milhões de brasileiros octogenários em 2005, que representam 1,3% da população. Em 1995, esses idosos eram 0,9%. (GRÜNSPAN, GONÇALVES, OLIVEIRA, DAGNESE, p.55, 2007.)

Esse dado nos mostra a importância de estarmos preparados, em todos os âmbitos da sociedade, no intuito de prestar serviços de qualidade à população que envelhece e carece de recursos para enfrentar os possíveis problemas que surgem com o avanço da idade.

No que concerne à escolaridade, a maioria (6 de 10 idosas) estudou até o ensino médio e 4 idosas relataram ter o ensino superior completo, ou seja, as idosas têm um bom nível de escolaridade.

Cabe destaque, ao fato de que há mais de 50 anos atrás a educação não era valorizada, especialmente para as mulheres, como podemos verificar através da fala dessa idosa, participante do grupo *Beta*: *“Ah, eu parei de estudar no ginásio, porque casei sabe, aí tinha que parar de estudar, tu vê como são as coisas, hoje eu continuaria estudando”.*

Ao serem questionadas sobre com quem residem, verificamos que a maioria (6 de 10) reside sozinha, enquanto as demais (4 de 10) moram apenas com o marido (1), com marido e filho (2) ou somente com filho (1).

O quadro que segue mostra o tempo que as idosas participam do grupo:

Quadro 1. Idosas segundo o tempo de participação no grupo

Menos de 01 ano	01 idosa
03 a 05 anos	05 idosas
10 a 17 anos	04 idosas
Total	10 idosas

Fonte: Dados sistematizados pela autora, 2009.

Notamos, a partir do quadro, que o tempo de permanência no grupo é extenso, com 90% das participantes vinculadas há mais de 3 anos. Destacamos, contudo, aquelas que compõem o grupo por período superior a 10 anos, as quais representam 40% do total. Podemos perceber que o grupo está introjetado no cotidiano dessas idosas desempenhando:

[...] um importante espaço, necessário para que as pessoas na terceira idade tenham uma inserção no convívio social, principalmente quando trazem consigo valores e estereótipos que dificultam esta expansão, quais sejam: para algumas pessoas, a aposentadoria é algo bastante difícil, pois esta mudança faz com que determinados hábitos que estavam incorporados no cotidiano sejam interrompidos. (J.L.O, p. 111-112).

No grupo as idosas encontram um espaço em que podem se expressar e compartilhar experiências, realizando uma troca e traçando dessa maneira novos objetivos de vida e superando todas as dificuldades e adversidades que essa fase pode proporcionar para às mesmas.

Quando questionadas sobre como souberam ou se vincularam ao grupo, a metade das entrevistadas (5 de 10) destacaram que foram estimuladas por amigas, como se pode verificar nas expressões que seguem:

1-“Através de uma **amiga**, eu encontrei com ela e ela me convidou”.

2-“Através de uma **amiga**, eu estava meio depressiva porque me aposentei, aí ela me convidou pra participar, eu vim a primeira vez,

continuei vindo e venho sempre, foi muito bom pra mim, o grupo é maravilhoso”.

3-*“Eu tenho duas grandes **amigas** que moravam aqui no bairro, e como eu estava muito deprimida naquela época, eu tinha perdido a minha irmã e estava muito ruim, elas já participavam do grupo e me trouxeram pra cá”.*

4-*“Uma **amiga** minha estava participando e me convidou”.*

5-*“Por intermédio de uma **amiga** minha, que foi uma das fundadoras desse grupo, agora ela está doente, não vem com muita frequência”.*

Metade das idosas entrevistadas relatou que, através das amizades obtiveram o estímulo para participar dos grupos e superar as perdas decorrentes dessa idade, através da interação e da troca de experiências que o espaço grupal proporciona.

Quando se estabelecem vínculos afetivos entre eles, os mesmos sentem-se mais fortalecidos para enfrentar a tristeza ou a doença. A dor, a ansiedade e a preocupação são compartilhadas entre eles. Na eminência ou no agravamento de uma enfermidade, de um dos companheiros, percebe-se uma infinidade de sentimentos frente à possibilidade de perda destes amigos. Fica evidente que a relação de amizade entre alguns idosos se estabelece de forma espontânea, e por vezes de forma estimulada. (MENEZES, SANTOS, CARVALHO, BARREIROS, p.277, 2006).

Esse vínculo de amizade, estabelecido através do espaço grupal, tem um papel relevante para os idosos, pois muitas vezes essa amizade ultrapassa o espaço grupal e passa a fazer parte da vida cotidiana da população, como podemos perceber através da fala dessa idosa, participante do grupo *Beta*: *“A gente faz grandes amizades aqui, tem dias que eu não tenho nada pra fazer e então ligo pra uma das meninas aqui, às vezes a gente se encontra em outros lugares, mas às vezes a gente fica só conversando pelo telefone, é muito bom saber que tenho amigas assim”.*

Outras idosas conheceram o grupo através da igreja, como se pode verificar a partir das seguintes expressões:

1- *“As fundadoras deram a idéia para o **Padre**, e como eu sempre venho à **missa**, o padre me convidou e eu estou até hoje”.*

2- “Através da **missa**, que eu sempre freqüentei, então o padre convidou aquelas que fossem viúvas e estavam se sentindo sozinhas pra participar desse grupo, e eu gostei”.

Ou ainda, por iniciativa própria: *“fui à procura de atividades e descobri o grupo”* e através de outro espaço do qual a idosa já participava: *“Através de outro grupo que eu participo, fiquei sabendo desse”*.

Destaca-se nas expressões de duas das entrevistadas a importância do grupo como alternativa para o alívio da depressão e a importância de vincular-se a espaços da comunidade para enfrentar a solidão causada pelas perdas (em razão da viuvez ou perda de outros familiares, bastante comuns nessa faixa etária).

Já em relação ao motivo que as levou a participar do grupo, a convivência foi o principal destaque, explicitado em 3 das expressões, mas implícita na totalidade das respostas que ressaltam a troca de idéias, amizade, a fuga da solidão, o sentir-se acolhida em razão dessa convivência grupal. São destacadas também a aprendizagem de tricô e trabalhos manuais e as palestras, bem como os passeios. Algumas expressões das entrevistadas podem ser verificadas no quadro que segue:

Quadro 2: Idosas, segundo os motivos que as levaram a participar do grupo.

<i>“Eu Adoro isso aqui, é uma extensão da minha família, uma parte muito querida, porque eu me sinto muito bem recebida aqui, acho que o pessoal me quer bem e isso é muito gostoso na minha idade”.</i>
<i>“Me faz muito bem, porque eu estava meio isolada do mundo, tinha perdido meu marido, e uma amiga me convidou, no começo foi difícil por não conhecer ninguém, mas agora me faz muito bem”.</i>
<i>“Basicamente pra conviver”.</i>
<i>“Pela amizade, o papo, trocar idéias, porque a gente conversa muito, sobre tudo, até sobre tricô, trabalhos manuais, uma sabe a outra não, a gente se ensina”.</i>
<i>“Eu gosto de me reunir, ver outras pessoas, a gente faz passeios, escuta as palestras, eu sempre fico esperando a quinta-feira chegar”.</i>

Fonte: Dados sistematizados pela autora, 2009.

Quando questionadas sobre o significado que hoje o grupo tem em suas vidas, responderam:

Quadro 3: Idosas segundo o significado do grupo em suas vidas.

<i>“Compete com a minha família, de tanto que eu gosto e me faz bem”.</i>
<i>“É ótimo, quando chega segunda-feira, eu fico ansiosa, me preparo, me arrumo, faço maquiagem, é pura alegria”.</i>
<i>“Bastante importante, eu gosto, a gente formou uma amizade muito grande, eu gosto do grupo”.</i>
<i>“É muito importante, é uma das coisas mais importantes na minha vida agora”.</i>
<i>“Hoje o grupo é tudo na minha vida, é uma coisa que a gente espera toda a hora pra chegar o grupo, é uma coisa boa”.</i>

Fonte: Dados sistematizados pela autora, 2009.

Percebemos através das falas das entrevistadas que o grupo é *“tudo”* na vida das mesmas, o que significa para algumas a competição em termos de relevância com a própria família: *“Compete com a minha família”*. Os laços de amizade e afeto formados pelo grupo dão sentido ao significado do grupo pelas idosas e corroboram para que o espaço grupal seja fortalecido: *“O vínculo é condição básica para o sucesso do grupo; é quando um sujeito se torna significativo para o outro”*. (MAXIMINO, p.73, 2001). Todo esse processo acaba por impactar de forma positiva na qualidade de vida dos membros do grupo.

As atividades desenvolvidas nos dois grupos se assemelham, em ambos os grupos são realizadas palestras, passeios e comemorações dos aniversários. No entanto, o grupo *Beta* realiza atividades que envolvem bingo, dança e trabalhos manuais.

Cabe destacar que percebemos de forma clara uma distinção entre os grupos. Enquanto o grupo *Alfa* trabalha questões de direitos, cidadania, autonomia, fortalecimento e emancipação da pessoa idosa, o grupo *Beta* ainda trabalha muito na perspectiva somente do lazer e da religião. Por ser um grupo ligado à igreja Católica, aparece muito na fala das idosas o espírito de solidariedade e voluntarismo, uma vez que o crochê e tricô confeccionados pelo grupo são

repassados para instituições de caridade, assim como o dinheiro arrecadado no bingo.

Das atividades desenvolvidas pelos grupos, as que mais agradaram as idosas foram:

1- *“Eu gosto muito das **palestras**, mas quando é interessante, e geralmente são, porque vem médicos e psicólogos”.*

2- *“Eu gostei muito da **palestra** dos médicos que vieram aqui, falaram sobre terceira idade, o que a gente deve fazer, o que deve comer, tudo pra melhorar a nossa qualidade de vida, muito interessante”.*

3- *“A **própria reunião** nossa, quando a gente senta e conversa, troca idéias”.*

4- *“Eu gosto mais de fazer **trabalhos manuais**, mas sou uma das encarregadas de fazer o chá dos aniversários do final do mês”.*

6- *“A mais importante é quando se traz **palestras** sobre saúde”.*

Percebemos, através das falas, que a palestra tem um importante papel na vida das idosas, pois é uma das maneiras que as mesmas encontram de conhecer mais sobre determinado assunto que seja do interesse e esteja presente no cotidiano das idosas. Verificamos que esta prioridade aparece na metade das 6 expressões analisadas, representando 30% do total (03 de 10). Também são destacadas a própria dinâmica grupal e a aprendizagem ou realização de atividades manuais.

Quando questionadas sobre a importância do convívio para o idoso, todas ressaltaram a importância do mesmo, sendo que algumas falas merecem destaque:

1- *“Anima a gente pra **ir pra frente**, ou a gente pára e não vive mais”.*

2- *“É tudo, a gente **nasceu pra conviver**, não pode viver sozinha, de jeito nenhum. Aqui a gente tem amigas, todas são amigas, todas se dão bem, é uma beleza”.*

3- *“Muito grande, porque normalmente o idoso vai ficando sozinho, **se isola** e aí hoje todas as pessoas trabalham, os adolescentes estudam e a gente fica muito sozinha, acho que é uma forma boa de **afastar o isolamento**”.*

4- “É muito importante, nessa idade **quanto mais convívio melhor**, nessa idade a gente tem que conviver mais e mais, senão a gente se sente muito só”.

5- “É maravilhoso e fundamental, tem alguns idosos aqui que são bem mais velhos e estão aqui, **ativos, felizes**, faz bem pra gente”.

Verificamos que o convívio, na opinião das entrevistadas estimula a: “*Ir pra frente*”, como forma de enfrentar a solidão, que pode ser comparada a morte social¹². Em todas as falas explícita ou implicitamente, o isolamento é o mal maior. O convívio, portanto, é vital à sobrevivência, para que os idosos sejam: “*ativos e felizes*”. É possível perceber que:

Com o passar dos anos somos levados pelo próprio processo de viver e envelhecer a enfrentar uma série de perdas significativas, como o surgimento ou agravamento de doenças crônicas que comprometem a saúde, a morte de amigos e parentes próximos, a viuvez, o isolamento crescente, as dificuldades financeiras conseqüentes da aposentadoria e ausência de papéis sociais valorizados. (SILVA, CARVALHO, SANTOS, MENEZES, p.36, 2007).

No entanto, todas essas perdas podem ser enfrentadas e até mesmo superadas através do convívio social estabelecido pelos idosos no espaço grupal, o que pode se estender para fora do âmbito grupal, o que também pode se estender para fora do âmbito grupal, evidenciando a importância dos vínculos estabelecidos pelo grupo e seu impacto na vida dos idosos.

Quando questionadas sobre como o idoso é visto na sociedade, apareceram falas bastante distintas, dentre as quais destacamos:

1- “Eu noto que agora as pessoas **valorizam mais um pouquinho o idoso**, antigamente a gente não via tanto isso, o idoso ficava em casa antigamente e não tinha voz pra nada”.

2- “**Melhor que antes**, acho que o carinho é maior, porque antigamente o idoso tinha que estar sentado na cadeira de balanço e **hoje o idoso participa**. Eu não me sinto só, principalmente por causa do grupo”.

3- “Eu tenho uma **visão bem otimista**, é muito bom ser idoso, principalmente eu que tenho 70 anos e tenho muita saúde. Eu acho ótimo, positivo, nós **estamos sendo respeitados**, porque a gente aprendeu a se respeitar também, que é primordial a gente se respeitar. É ótimo ser velho,

¹² “Nesta conjuntura social, em que a pessoa não pode mais contar com o gozo de seus direitos plenos, a morte social passa preceder a morte física”. (KERN, 2001, p. 185).

a legislação nos favorece, a gente tem meio ingresso nos espetáculos, eu adoro ir ao cinema, tem passagem grátis, tendo saúde é tudo de bom”.

4- *“Eu tenho boas relações com todo mundo. Mas a gente sabe que o idoso é mal visto na sociedade, tem muita gente nova que não gosta dos velhos, por isso que eu procuro conviver com gente da minha idade, onde tem mais idosos, eu não participo mais onde tem gente nova”.*

5- *“Acho que ele é muito desafiado a mostrar o além do seu valor, que ele tem capacidade, que ele ainda está na sociedade, que ele não é isolado da sociedade, então é um desafio pra nós”.*

Notamos que os idosos estão construindo uma visão positiva e que os mesmos percebem os avanços que estão sendo obtidos ao longo dos anos. No entanto, têm consciência de que é necessário melhorar a maneira como a sociedade percebe o idoso e o processo de envelhecimento.

A fala que merece destaque (nº05), nos fez pensar acerca desse “desafio”, o que é extremamente relevante, pois nessa sociedade em que apenas o jovem é considerado ativo, sem dúvida o idoso é desafiado a: (...) *“mostrar além do seu valor, que ele tem capacidade, que ele ainda está na sociedade, que ele não é isolado da sociedade”* (...). Complementando essa fala, o tempo presente precisa constituir-se como o: “tempo de um paradigma novo, que encare os idosos como participantes ativos em uma sociedade integrada pela idade e como contribuintes ativos bem como beneficiários do desenvolvimento. (MAXIMINIO, 2001, p.61). Porém, em que pesem os avanços conquistados, muito ainda temos de caminhar para garantir um processo de envelhecimento inclusivo.

Quando questionadas acerca do que consideravam como qualidade de vida, destacamos as seguintes respostas:

1- *“Uma boa saúde, começando por alimentação, só de não estar numa cadeira de rodas e não depender de ninguém é um alívio”.*

2- *“A gente sempre espera aumentar a qualidade de vida, pra mim é estar com meus amigos, aí eu me sinto bem, estar com as outras idosas, a gente melhora cada vez mais”.*

3- *“Saúde, amizade, bem-estar, família e conviver”.*

4- *“É ter quem a gente gosta perto da gente, ter um bom-humor, estar disposta, participar de atividades, isso faz bem pra todo mundo”.*

É importante salientar que a concepção de qualidade de vida da maioria das entrevistadas não diz respeito somente à ausência de doenças, como podemos perceber através das falas apresentadas. Mais uma vez, entendemos que o grupo tem um importante papel nessa concepção, pois no momento em que as idosas citam: “*estar com amigos, estar com outras idosas, amizade, conviver, bom-humor e participar de atividades*”, demonstra que o grupo está imbricado, pois é através dele que as mesmas vivem todos esses processos.

Quando questionadas se o grupo tinha alguma influência na qualidade de vida das mesmas, as respostas reiteram o que foi apontado anteriormente, como se pode verificar nas expressões que seguem:

1- “Por que **tem muita gente convivendo**, a gente conhece outras pessoas e **fizemos amizade**”.

2- “Fundamental, **só o grupo faz a gente se sentir melhor, isso é qualidade de vida**”.

3- “Por causa da **convivência**, é muito bom estar com elas”.

4- “Muito, por que proporciona pra gente esses **encontros**, a gente sai, as viagens e passeios tudo isso **deixa a gente mais disposta**”.

O grupo, além de proporcionar um espaço de convívio e trocas entre os membros, influi diretamente na qualidade de vida da população idosa que se insere nesses espaços. As palestras sobre diversos assuntos de interesse dessa parcela da população, a sociabilidade e a interação existentes nesse espaço são fatores fundamentais para a melhoria da qualidade de vida, como podemos perceber na totalidade das respostas apresentadas, implícita ou explicitamente. Mais uma vez, o convívio aparece como protagonista desse processo.

Quando questionados acerca dos serviços ofertados para a pessoa idosa, as respostas tiveram algumas divergências, dentre as quais destacamos as seguintes:

1- “Eu acho que **aos poucos isso está melhorando** no Brasil. Por que antigamente depois dos 60 anos ninguém valia mais nada e agora **tem até faculdade especial pros idosos**, acho que aumentou muito os serviços”.

2- “O que a gente vê na televisão é **triste**, muito triste, a gente tem condições, graças a deus, eu tenho plano de saúde, mas a maioria não tem, a gente vê as pessoas esperando anos por uma cirurgia, isso é

horrível, é triste. **Ainda falta muita coisa pra melhorar**, principalmente na saúde que é um descaso”.

3- “Pra população toda, eu acho que **não é tão bom assim**, eu vejo muito idoso passando trabalho por aí, tentando conseguir consulta, as pessoas precisam de remédio e não tem como comprar, eu felizmente não tomo nenhum remédio, tenho uma saúde ótima, mas eu sempre me cuidei e continuo me cuidando, e eu estou vendo que na família muita gente está seguindo o meu exemplo”.

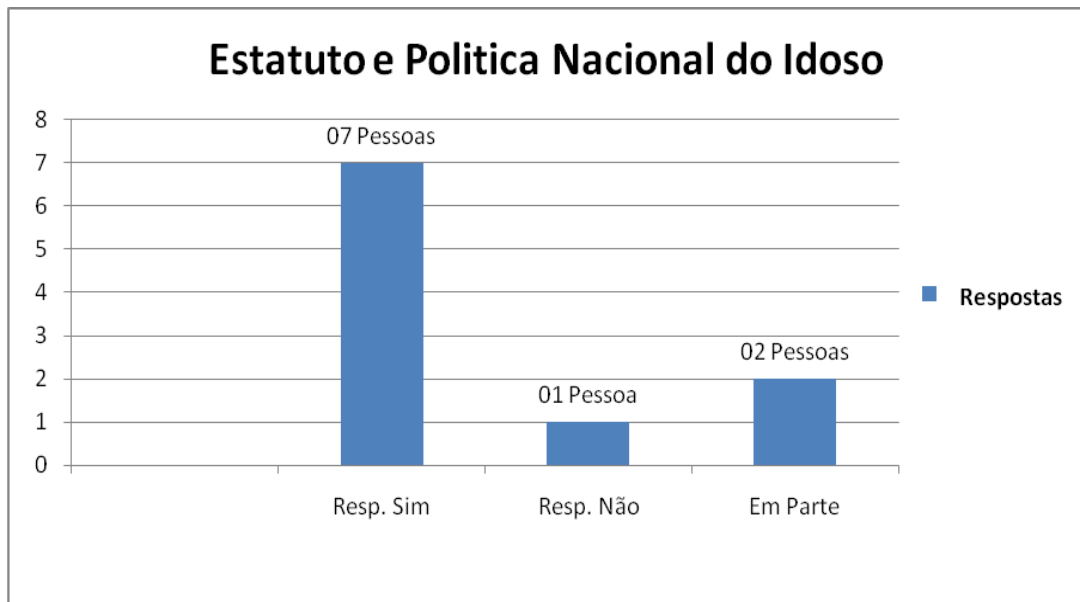
4- “**Péssimo, o idoso ainda é o último na atenção do governo**, o jovem tem tudo, toda a proteção, o idoso ainda não tem nada”.

Apenas uma idosa destacou que os serviços estão melhorando, mesmo que: “aos poucos”. As demais respostas apontam a indignação e o descontentamento com os serviços ofertados pelo Estado, embora essa avaliação seja direcionada aos serviços ofertados a toda a população, podemos, no entanto destacar a fala da idosa que relata o idoso sendo o: “**último na atenção do governo**”, em detrimento dos jovens, que segundo a mesma: “**tem tudo, toda a proteção**”.

É importante também lembrar que tratam-se de idosos com condições materiais razoáveis e que portanto, não estão expostos de modo mais contundente aos processos de interdição a que outros que dependem de recursos do Estado estariam, não só no que se refere a saúde, mas no que concerne à própria possibilidade de acessar um grupo de convivência.

Quando questionadas acerca do conhecimento do Estatuto do Idoso e/ou a Política Nacional do Idoso, obtivemos as seguintes respostas:

Gráfico 2: Estatuto e Política Nacional do Idoso



Fonte: Dados sistematizados pela autora, 2009.

A partir dessas respostas, perguntamos às idosas se elas avaliavam como positivo o Estatuto do Idoso e a Política Nacional do Idoso, no sentido da garantia de direitos aos idosos. Quatro idosas responderam que sim, como podemos observar nas seguintes falas:

1- “Sim, é uma **conquista**”;

2- “Sim, porque **antes não tinha nada** para o idoso, ter esse estatuto é bom demais”;

3- “Sim, claro, **melhorou** muito pra gente

4- Sim, **antes não tinha nada** pro idoso, agora já temos algumas conquistas”

Enquanto cinco idosas responderam que os dispositivos legais são em parte positivos, pois:

1- “Em parte, **não sei se vale tanto assim**, eu nunca usei, nem precisei, mas a gente vê que as coisas não funcionam, pelo menos é o que a gente ouve e vê na TV, nada acontece, **poucas coisas mudaram**;

- 2- *“Em parte, porque eu acho que **o idoso tem pouco direito**, ainda não é todo mundo que respeita”;*
- 3- *“**Em parte, é um novo invento** nesse sentido, antigamente não tinha nada”;*
- 4- *“Em parte, porque **não funciona**. Existe, mas ele não é cumprido, como outras coisas no Brasi;*
- 5- *“Em parte, é bom ter o Estatuto, a Política porque antes a gente não tinha, mas ele ainda **não é bem cumprido**.”*

Nenhuma idosa avaliou o Estatuto e/ou a Política Nacional do Idoso de forma negativa, 04 idosas reconheceram a importância desses dispositivos legais como uma conquista, tendo em vista que durante muitos anos não se tinha nada que balizasse os direitos da população idosa.

Por outro lado, 05 idosas relataram que esses dispositivos legais são em parte positivos, embora uma delas reconheça ser “um invento” dos próprios idosos, enquanto que as demais direcionam suas críticas ao fato de o estatuto não ser realmente efetivado e cumprido, tal qual a lei determina.

A partir dessas respostas, perguntamos às idosas se elas entendiam que algum aspecto desses dispositivos legais demandavam aprimoramento, 06 idosas responderam que sim:

- 1- *“Sim, **sempre tem alguma coisa pra melhorar**”;*
- 2- *“Sim, precisam ser **mais rigorosos** e fazer **valer os direitos** dos idosos”;*
- 3- *“Sim, **tem muita gente mal**, que precisa ser assistida”;*
- 4- *“Sim, acho que tinha que ter alguma **punição maior para os jovens** que maltratam e desrespeitam o idoso, eles não tem respeito nenhum. Os jovens podem votar, dirigir, fazer muita coisa, então a punição tinha que ser mais severa, já que eles se consideram adultos”;*
- 5 - *“Sim, só tem que **cumprir o que está escrito** lá, porque na teoria é ótimo, o idoso não pode ser tratado como mendigo”;*
- 6 – *“Sim, que ele seja **cumprido**, para que assim o idoso seja mais respeitado”.*

Na maioria das falas o que aparece é a falta de credibilidade no cumprimento das leis e a falta de rigor das mesmas. A fala que merece destaque é a nº 04, em que fica explícita a falta de interconexão entre as gerações, a chamada intergeracionalidade ainda é um desafio para a sociedade. A idéia de que os jovens devem ser punidos passa também por toda a cultura de que só se aprende e se respeita algo através de punições e castigos, e não através de uma consciência crítica, que deveria ser trabalhada desde os primeiros anos de vida dos sujeitos.

Duas idosas responderam que esses dispositivos legais não demandavam aprimoramento, sendo que uma delas justificou da seguinte maneira:

- 1- *“Não precisa melhorar nada no Estatuto, nem na Política, o que tinha que ser feito já foi feito. O idoso passou a ser mais respeitado, eu me sinto respeitada, as pessoas me dão lugar no ônibus, não reclamam mais quando vou na fila preferencial, porque antes reclamavam de tudo”.*

É importante perceber que, mesmo essa fala aparecendo apenas uma vez, demonstra que não são as leis que devem mudar, e sim a forma como as pessoas compreendem e apreendem o que consta nesses dispositivos legais.

A experiência dessa idosa é positiva, ela se sente respeitada. Sabemos que a maioria não tem o mesmo sentimento, mas o que devemos entender nesse momento é que mesmo as leis sendo relativamente novas, houve grandes avanços no que tange aos direitos e benefícios ofertados para a população idosa. Isto demonstra um reconhecimento do poder público em relação aos direitos dessa parcela da população.

Por fim, destacamos duas perguntas que acreditamos ser de grande valia para esse estudo, que são as sugestões expressas pelas idosas em relação ao aprimoramento do acesso aos direitos da população idosa e as sugestões para a qualificação e aprimoramento das alternativas de convívio.

Em relação aos direitos, destacamos as seguintes falas:

- 1- *“Primeiro, os jovens tem que ter mais consideração com os idosos, isso é muito importante, é o começo de tudo”;*
- 2- *“Tem muita falta de respeito, eu não uso mais ônibus depois que eu me acidentei, é um horror andar de ônibus, eu caí, me machuquei, agora não ando mais. O jovem tirava o lugar do idoso, virava o rosto,*

fazia de conta que não era com ele e coitado do idoso lá de pé, mal consegue se segurar. A falta de respeito é o pior de tudo”;

3- *“Que se **cumpra o que está nas leis**”;*

Até aqui, se pode dizer que as 3 primeiras expressões demandam antes de tudo educação e capacitação de jovens, o que poderia ser feito na escola e estimulado pela mídia para que a família incentivasse a valorização e o respeito ao idoso. O maior conhecimento também favoreceria o próprio cumprimento das leis:

4 – *“Acho que o idoso tem que ser **mais valorizado**, tem muito idoso que gostaria de continuar trabalhando, mas não tem oportunidades, eu gostaria muito de trabalhar ainda, mas não tem jeito, as portas se fecham quando a gente fica velha”.*

Esta é a mais difícil das sugestões de serem viabilizadas, porque com o desemprego estrutural se agrava a questão do acesso ao trabalho. Soma-se a isso uma exigência do mundo do trabalho de polivalência, de conhecimentos digitais, entre outras habilidades, além de um ritmo e velocidades exorbitantes que precarizam o trabalho. Estas exigências dificultam mais a permanência do idoso no trabalho e o seu reingresso parece quase impossível, pelas mesmas razões. Para o mercado de trabalho, um sujeito de 40 anos que está iniciando numa profissão, já é considerado velho.

5- *“Eu acho que **muita coisa a culpa é nossa**, porque às vezes **a gente se isola, não podemos ser conformistas**, a gente tem que ter a **consciência de que está vivo e é alguém**, assim a gente se valorizar e os outros nos respeitam mais, **não pode ter direito sem respeito**”;*

6 – *“O idoso tem que **lutar pelos seus direitos**, também não adianta ficar só reclamando. Aqui no grupo a gente fica sabendo das coisas, e eu vou atrás de tudo que quero e dos meus direitos também. Eu ligo pra reclamar dos ônibus sempre, não desisto, é uma vergonha, um fiasco o que fazem com os idosos nos ônibus”.*

As duas últimas expressões falam de atividade e luta. Embora a primeira traga a questão da culpa que na verdade desloca o idoso do contexto excludente que o condiciona, mesmo que ele reaja, contudo, como contraponto valoriza aspectos positivos, de resistência, de não conformismo, de busca por direitos. A socialização deste tipo de postura no grupo é benéfica para mobilizar os demais no sentido do desenvolvimento de processos sociais emancipatórios.

Novamente, podemos perceber a preocupação dos idosos em relação aos jovens e a falta de respeito, assim como a pouca valorização da pessoa idosa, o que pode ser comprovado pela fala que relata a dificuldade encontrada em utilizar o transporte público, impactando na qualidade de vida dessa idosa e de tantos outros, que se sentem desvalorizados ao ter que utilizar um meio de transporte público, em que são constantemente desrespeitados em seus direitos.

Quanto à solicitação de sugestões para a qualificação e aprimoramento das alternativas de convívio, destacamos as seguintes respostas:

- 1- *“Eu acho que deveria ter **mais entrosamento entre os grupos** aqui de Porto Alegre, a gente sabe que tem outro grupo lá na igreja, lá na outra, e mais na outra, mas esse entrosamento a gente não tem. A gente até teve algumas vezes outros grupos que vieram nos visitar, mas depois nunca mais”;*
- 2- *“Acho que primeiro os **idosos tem que participar dos espaços** que tem. A gente reclama, mas tem tanta coisa pra fazer, tem bastante coisas. Se o idoso não vai nesses espaços que a gente tem, não vai se criar mais nada, o idoso tem que participar mais”;*
- 3- *“Acho que tinha que ter **mais lazer pra pessoa idosa**, tudo que a gente tem é do bolso da gente, a prefeitura tinha que pelo menos ajudar um pouco, eles não fazem nada pela gente”;*
- 4- *“Ter **mais espaços para o idoso se mostrar, mostrar que tem capacidade, que ainda é ativo e útil na sociedade**”.*

Na primeira fala, cabe destaque para a entrevistada que gostaria de conviver e compartilhar experiências com outros grupos. Nesse momento a entrevistada se mostrou frustrada pelo grupo não conseguir interagir com outros espaços de convívio, pois ela considera necessária troca entre os grupos. Essa é uma idéia muito interessante, e que poderia ser de grande valia para os idosos. Sugerimos que essa interação poderia acontecer nos Conselhos, Fóruns, Conferências e nos Encontros Regionais de Grupos da Terceira Idade, para que assim essa idéia pudesse ser trabalhada e efetivada.

Merece destaque também, a 2ª fala, em que a idosa reconhece que o idoso precisa ter uma participação maior nos espaços já existentes, consolidando tais

espaços e demonstrando dessa maneira a força e o poder de decisão da população idosa.

Por último, destacamos as idosas que consideram o lazer e outros espaços de convívio como importantes formas de estabelecer o convívio, relatam que são necessários mais espaços de lazer, os quais deveriam ser ofertados pelo Governo e também que se faz necessário a existência de diversos espaços, destinados ao idoso, em que esse possa: *“mostrar que tem capacidade, que ainda é ativo e útil na sociedade”*.

Dando prosseguimento à análise dos dados, a seguir faremos a sistematização e análise dos dados obtidos através da Coleta Coletiva, realizada no Grupo *Beta*, no dia 31/08/2009. Participaram da coleta 14 idosos, foram utilizados revistas e jornais como materiais e os tópicos que mobilizaram o debate são os destacados na figura que segue:

Figura 01: Questões mobilizadoras do debate.

Como o idoso se percebe hoje na sociedade?
Como está sua qualidade de vida?

importante, pois tem uma reflexões coletivas. O debate realizado no grupo *Beta* teve duração de 2 horas e com uma intensa reflexão sobre as questões que emanavam do cotidiano dos mesmos. Percebemos que os idosos tinham muita necessidade de se expressar, o que qualificou o debate, tornando essa troca rica para fortalecer o grupo e concepções conjuntas.

Passamos então às expressões das idosas participantes do processo, a partir da expressão de seus desejos e sonhos:

¹ -“Eu **gostaria de ter sido assim**” (se referindo à modelo estampada na revista)

2 - “*Eu gosto de aventuras, buscar sempre **coisas novas***”

3 - “*A foto da cantora é porque **gostaria de ter sido cantora lirica***”

Chama-nos a atenção as duas falam que relatam o desejo de “terem sido assim”, pois no momento das falas as idosas se demonstraram tristes ao relatar esse desejo, como se tivessem fracassado em suas escolhas. Nesse momento a intervenção do grupo é fundamental, destacando os aspectos positivos de outras escolhas pessoais e/ou profissionais.

Destacamos também, a internalização de estereótipos, a infantilização do idoso e a proteção em relação à infância, que aparecem nas seguintes falas:

1 - “*A foto dessa criança é porque **quando a gente fica velho, fica infantil***”;

2 - “*O jovem tem tudo, **a criança é protegida e tem tudo** também, só o idoso que não é valorizado, em outros países o idoso é valorizado, no Japão e na Índia, por exemplo, no Brasil que é um horror*”;

3 - “*Gostaria de **voltar a ser criança para não ter preocupação***”.

Ao mesmo tempo em que apareceram essas falas, outras muito importantes decorreram em relação a elas, pois a maioria dos idosos não concorda com este estereótipo de que o idoso se torna uma criança novamente. Houve um debate sobre essa questão em que alguns idosos se manifestaram relatando que: “*Não gostaria de voltar a ser criança não, gosto muito da minha vida assim, tenho orgulho da minha vida e de tudo que construí ao longo de todo esse tempo, voltar e começar tudo de novo? Temos muita coisa para aproveitar ainda gente*”.

Em relação à luta, conquista e busca de direitos, destacamos:

1- “*Eu fui um grande atleta, tenho várias medalhas em diversos esportes, acho q a vida é um **combate**, sempre temos que estar lutando para melhorar*”

2- “*O idoso tem que **estar sempre em busca** da saúde e da longevidade”*

3- “*Tivemos **muitas conquistas**, benefícios públicos, não pegamos mais filas, temos desconto nas passagens...*”

Nessas falas aparecem o reconhecimento das conquistas já adquiridas e a percepção de que a realidade não é estática e de que é necessário o movimento para que possamos efetivar novas conquistas.

A comparação da vida com um “*combate*”, feita pelo único homem do grupo, demonstra a forma que o mesmo conduz sua vida e seu cotidiano, buscando sempre melhorar e ir em busca de novas conquistas. Cabe destacar que no momento em que esse idoso fala, todas as idosas prestam muita atenção e gesticulam positivamente, mostrando que estão de acordo com o pensamento do mesmo. Nesses momentos ouvíamos muitas falas do tipo: “É isso mesmo”; “Concordo com o senhor”, “Também acho”, mas sempre era o homem que puxava o debate, raras foram as mulheres que tomaram frente e discutiram os assuntos debatidos.

Chama a atenção tal fato, pois a quase totalidade do grupo é feminino, contudo o único homem afirma-se como formador de opinião e as mulheres mantêm uma posição de subalternidade evidenciando a questão de gênero que permeia a faixa etária, como mais uma clivagem que expressa as manifestações da questão social, nem sempre reconhecida pelas idosas. Em relação à marginalização do idoso e à negação de direitos, evidenciamos:

- 1- *“Coloquei essa interrogação para os políticos, é uma forma de **indignação**, eles não fazem nada por nós”*
- 2- *“A mulher na nossa idade que não tem uma boa renda está **marginalizada**”*
- 3- *“É uma **minoria que está tendo a oportunidade** de ter esses benefícios. O **governo não respeita** o idoso e as pessoas não conhecem seus direitos, Não dá para viver com a aposentadoria do Brasil hoje.*

Em relação aos aspectos positivos, podemos destacar as seguintes falas:

- 1- *“Eu não quero colocar nada ruim, só **coisas boas**”*
- 2- *“Coloquei essa imagem da **felicidade** porque é uma imagem do bem, a gente se imagina assim”*
- 3- *“A imagem da **festa e confraternização** é porque eu gosto do grupo, dos idosos e de festa, muita festa”*

- 4- *“Hoje com 60 anos a pessoa não é mais tão velha, como se pensava antigamente”*
- 5- *“Me sinto bem como estou”*
- 6- *“O idoso hoje não depende mais dos filhos, está **mais independente**, não são mais tão dependentes emocionalmente”*
- 7- *“Agora a gente tem mais tempo para **se cuidar e buscar conhecimentos**”*

Essas falas merecem destaque, pois percebemos que a maioria dos idosos tem uma visão positiva do envelhecimento e de suas vidas. Foi o que percebemos durante a realização da técnica, já que a grande maioria buscava e falava sobre aspectos positivos, principalmente o participante do sexo masculino.

Cabe destacar que quando alguma idosa estava muito queixosa e só falava críticas, o homem do grupo a fazia refletir, talvez não da maneira mais adequada, pois ele impunha a sua percepção, mas desse modo o grupo inteiro era instigado a debater e refletir sobre determinado assunto. Questionamos, porém, o fato desse papel ser assumido apenas pelo único homem presente no grupo, reforçando a idéia de proeminência masculina que, mesmo oculta ou negada, parece continuar permeando todos os espaços de convivência e mantendo-se arraigada no imaginário social.

Por último destacamos apenas uma fala, mas que possui uma grande relevância, pois essa idosa durante todo o encontro tentou se encontrar nas revistas e jornais, sem sucesso:

- 1- *“Eu não me achei em nada nessas revistas”.*

Apesar de ser a única idosa a se expressar dessa maneira, sabemos que uma grande parte da parcela de idosos sente-se dessa maneira, uma vez que:

A sociedade capitalista tem seus padrões estabelecidos de funcionalidade, dentre esses se destacam a eficiência, a produtividade, a lucratividade, a estética padronizada em um modelo de beleza pré-definido pela imagem de grandes artistas de cinema. Os chamados “deficientes”, os que têm estatura baixa, os que possuem peso acima da média, os que têm a cor da pele mais escura, os que já viveram muitos anos, os que estão doentes, os que não possuem recursos econômicos para o consumo e, outros tantos estão fora do “enquadre social”, daquilo que é desejado idealmente, para a vida cotidiana, nesse modelo de sociedade. (FERNANDES, 2002, p. 106).

Sua expressão, mesmo sendo única no espaço grupal, não é isolada do contexto geral da sociedade, pois sabemos que muitos idosos não se identificam e não se sentem representados no âmbito societário.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação tem importante significado em nossa trajetória profissional, pois encerra um ciclo de estudos e nos instiga a continuar no caminho do amadurecimento intelectual e profissional.

Em nenhum momento, ao longo do curso de mestrado houve sofrimento, pelo contrário, o sentimento que o mestrado nos proporcionou foi de muita gratificação, pois essa foi uma escolha nossa, de continuar estudando e nos aprimorando intelectualmente, como bem explicita o Código de Ética Profissional (BRASIL, 1993, p.03): *“Compromisso com a qualidade dos serviços prestados à população e com o aprimoramento intelectual, na perspectiva da competência profissional”*.

O mestrado viabilizou a oportunidade de nos especializarmos em um tema, que por nós foi escolhido, sem deixar de lado as disciplinas que possibilitam ampliar o olhar acerca da realidade, numa perspectiva de totalidade. Tema este que, tem ganhado cada vez mais relevância internacional, visto que o aumento da longevidade é uma realidade global.

Contudo, em se tratando de um país em desenvolvimento como o Brasil, onde as expressões da questão social, em termos de desigualdades são cada vez mais acirradas, é necessário problematizar as condições desse processo de envelhecimento.

Problematizar não significa apenas focar em problemas ou mazelas, embora dando-lhes visibilidade, mas não esquecer de destacar também as possibilidades, as resistências que conformam a questão social.

Nosso tema de estudo e interesse, desde os tempos da graduação foi extremamente debatido em disciplinas obrigatórias, assim como nas optativas, além de todo o aporte que o NEDEPS nos proporcionou durante essa caminhada.

O envelhecimento da população é reconhecido hoje, como um fenômeno mundial. Há um grande interesse por parte das mais diversas áreas do saber em estudar tal temática, com o intuito de contribuir no desvendamento do processo de

envelhecimento e nesse sentido parece ser importante aportar a contribuição do Serviço Social, que vem produzindo conhecimentos sobre essa temática.

Acreditamos que o convívio social é imprescindível na vida de todo o ser humano, e o presente estudo se concentrou na população idosa, pois nosso interesse era debater a relevância do investimento social nas alternativas de convívio, o que vem sendo destacado pelas políticas públicas, em especial a Política de Assistência Social e mais recentemente o Sistema Único de Assistência Social – SUAS, que reconhece o direito ao convívio e estabelece como prioridade as ações educativas, a partir de processos grupais.

Os grupos, conforme destacaram as entrevistadas, têm se mostrado como importantes espaços para o desenvolvimento de processos sociais emancipatórios, portanto, é necessário o estímulo para que os mesmos possam se qualificar. O grupo pode, ainda, contribuir para que um contingente maior de idosos possa ter acesso aos benefícios que a dinâmica grupal viabiliza.

Verificamos por meio desse estudo, que através do convívio social, muitas mudanças podem ocorrer na vida desses sujeitos, e que o espaço grupal tem importante papel no que tange a essa questão, pois ele interfere na qualidade de vida dos mesmos, dando visibilidade a essa estratégia de enfrentamento às diversas expressões da questão social. Dentre elas, destacamos a superação do preconceito, uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos idosos na sociedade atual.

A dissertação tinha o intuito de mostrar que o convívio social pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida da população idosa, através de diversos processos que se dão em âmbito grupal nos espaços coletivos. Nesse sentido pensamos ter alcançado nosso objetivo, pois ficou evidenciado na expressão dos sujeitos o quanto a convivência grupal tem significado nas suas vidas e o quão é benéfico um envelhecimento ativo.

As expressões das idosas, ao longo do trabalho, evidenciaram que o grupo está introjetado no cotidiano das mesmas, constituindo-se como uma das partes mais relevantes na vida dessas idosas.

Através do grupo, as idosas conseguem superar as adversidades encontradas no cotidiano, pois no grupo se forma um elo muito grande de amizade,

o que corrobora para o fortalecimento dessas idosas, tanto em âmbito individual, como em âmbito grupal.

O sentimento de pertencimento que existe no grupo, é também construído pela forma com que a dinâmica grupal vai se materializando. As idosas entendem que aquele espaço é feito para elas e tentam aproveitá-lo da melhor maneira possível. Faltar a um encontro, por exemplo, é inadmissível, acontece somente em caso de doença muito grave, e às vezes, mesmo doentes, as idosas relatam que ir aos encontros as fazem esquecer as dores: *“Quando eu cheguei aqui, sentia dor em tudo, parece que o grupo tirou com a mão as minhas dores”*.

Esse sentimento de alívio, tanto da tristeza, da solidão como também das dores físicas, é propiciado pela convivência grupal e social, estabelecida na dinâmica de cada grupo e que ultrapassa o espaço grupal, pois os laços de amizade se perpetuam e com isso a convivência não faz parte só no dia dos encontros e sim, quando as mesmas sentem necessidade, por isso, nos dois grupos, são realizados passeios e encontros, fora do horário grupal, fortalecendo a convivência social.

Entendemos que é de fundamental importância dar continuidade a realização de estudos que aprofundem análises sobre estas experiências e debatam conceitos que possam melhor explicitá-las para estimular o seu incentivo, ampliando quem sabe espaços públicos (estatais ou não) para acesso do idoso a estas alternativas especialmente os idosos que dispõem de menores níveis de renda para os quais as opções de convívio são ainda mais restritas, o que se agrava pela dificuldade de acessibilidade estrutural que caracteriza a maioria das grandes cidades.

A participação de idosos em atividades que proporcionem a convivência é de extrema relevância para os mesmos, assim como para todo o ser social. Por isso, a presente dissertação buscou contribuir para desvendar as implicações, contribuições e significados do convívio social na vida cotidiana da pessoa idosa, assim como dar visibilidade a relevância da autonomia, emancipação e fortalecimento dos sujeitos nas mais diversas esferas da vida, verificando de que modo estas experiências coletivas contribuem para o fortalecimento do idoso.

É interessante perceber que, um grande número de idosas, com idade acima dos 70 anos, continuam ativas e participando efetivamente dos grupos e buscando

mais atividades que propiciem a convivência, o que ratifica a importância desses espaços para a qualidade de vida da população idosa.

Para tanto, constatamos também, a necessidade de um maior investimento nesses espaços de convivência, pois olhando pela lógica do mercado, quanto mais houver investimentos nesses espaços, menor será o gasto do Estado na saúde da população idosa, tendo em vista que o grupo contribui de forma significativa para a diminuição da solidão, do estresse e da depressão.

A partir da inserção em atividades que privilegiam o convívio social, os idosos se sentem pertencentes a um espaço e, um dos fatores para que os mesmos se sintam de tal maneira é a possibilidade de participação social, que se configura como um processo social fundamental na vida dos sujeitos, aspecto este que tem sido privilegiado prática profissional do assistente social. É através dela que outros processos sociais se materializam e conquistas significativas podem ser alcançadas, para a redução de desigualdades e potencialização de resistências, afinal como bem destaca Lefebvre (1999, p.221),

É na vida cotidiana que se devem realizar as grandes idéias e os grandes sentimentos; devem retornar das profundezas ocultas da essência ao humilde detalhe da vida, e é precisamente esse o sentido da prática na qual se deve realizar o ideal.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edições 70. São Paulo, 1979.
- BRASIL. **Estatuto do Idoso**. (2003). In: Coletânea de Legislações: direitos de cidadania . Curitiba: CRESS 11ª, 2003.
- BRASIL. **Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome**. 2009. Disponível em: <http://www.mds.gov.br>. Acesso em 09 de setembro de 2009.
- BRASIL. Lei nº 8.842 de 4 de janeiro de 1994. **Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o conselho e dá outras providências**. Brasília. DF: Senado Federal, 1994.
- BRASIL. Lei nº 8.742 de 7 de dezembro de 1993. **Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências**. Brasília DF: Senado Federal, 1993.
- BRASIL. **Política Nacional de Assistência social** (2004). Brasília:Cortez, 2004.
- BRASIL. **Portaria 1395/GM. Política de Saúde do Idoso**. 1999. Brasília. DF.
- BRASIL. República Federativa do. Constituição (1998). **Constituição da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 1998.
- BRASIL. Lei nº 8662/9 de 08 de junho de 1993. **Dispõe sobre a profissão de Assistente Social e dá outras providências. Código de Ética do Assistente Social**. Disponível em: <http://www.cfess.org.br>. Acesso em 02 setembro de 2008.
- BRUSCHINI, Maria Cristina. **Mulher, Casa e Família: cotidiano das camadas médias paulistas**. São Paulo. Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- BULLA, Leonia C. **A gerontologia social na universidade: o desafio da produção de conhecimentos e da qualificação profissional**. Revista Virtual Textos e Contextos, nº1. Porto Alegre, 2002. Disponível em: <http://www.pucrs.br/fss> Acesso em: 20 de março de 2008.
- BULLA, Leonia C. MENDES, Jussara e PRATES, Jane C. (orgs). **As múltiplas formas de exclusão social**. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2004.

BULLA, Leonia C; KUNZLER, Rosilaine. **Envelhecimento e Gênero: distintas formas de lazer no cotidiano.** EDIPUCRS, Porto Alegre, 2005, p. 45.

CABRAL. Eloisa Helena de Souza. **O Espaço Relacional do Terceiro Setor.** São Paulo. Método, 2007.

CARVALHO, Sérgio Resende. **Os múltiplos sentidos da categoria “empowerment” no projeto de promoção à saúde.** Cadernos de saúde pública, Rio de Janeiro, 2004.

CATTANI, Antonio David. **Trabalho e Autonomia.** Ed. Vozes. Petrópolis, 2000.

CHAIMOWICZ, F. **Os idosos brasileiros no século XXI: demografia, saúde e sociedade.** Belo Horizonte: Postgraduate, 1998.

COLIN, Denise. FOWLER, Marcos. **LOAS. Lei Orgânica da Assistência Social anotada.** Veras editora, SP, 1999.

COSTA, Elisabeth Maria Sene. **Gerontodrama: a velhice em cena.** Estudos clínicos e psicodramáticos sobre o envelhecimento e a terceira idade. Ed, Ágora. SP, 1999.

CFESS- **Código de Ética do Assistente Social.** Conselho Federal do Serviço Social. Brasília, 1993

CURY, Carlos R. Jamil. **Educação e Contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo.** São Paulo, Cortez, 1985.

DEMO, Pedro. **Participação é Conquista.** Ed.Cortez São Paulo, 1999.

FERNANDES, Idília. **A diversidade da condição humana: deficiência/diferenças na perspectiva das relações sociais.** 243f Tese de Doutorado da Faculdade de Serviço Social da PUCRS. Porto Alegre, 2002.

FIGUEIREDO, Maria do Amparo C. de. **Dialogando com Freire e Boaventura sobre emancipação humana, multiculturalismo e educação popular.** V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife. 19 a 22 de setembro, 2005.

FLORES, Gislaine; NASCIMENTO, Nair; CRUZ, Ivana. **Aspectos biopsicossociais do idoso e o envelhecimento bem-sucedido.** In: **Aspectos Biológicos e**

Geríátricos do Envelhecimento. NETO, Emilio; CRUZ, Uvana. (ORGS). Edipucrs, POA, 2000.

FRANÇA, Marina. **Famílias Acolhedoras: Preservando a convivência familiar e comunitária**, Veras Editora, SP, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 13 ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1974.

FREITAS, Elizabete Viana de. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro. 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. Ed. Cia da Letras. São Paulo, 2006.

IAMAMOTO, Marilda V. **O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. São Paulo. Ed.Cortez, 1998.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Renovação e Conservadorismo no Serviço Social: ensaios críticos**. Cortez, São Paulo. 2002.

IAMAMOTO, Marilda. **Serviço Social em tempo de capital fetiche**. Cortez editora. São Paulo, 2008.

J.L.O. Há vida além dos sessenta anos: o trabalho com grupos em serviço social – espaço de reflexão e cidadania para a 3ª idade. p. 105-116. In: Pelos Caminhos da Gerontologia. Lafin, Silvio; GUILAMELON, Lucimari; HILLEBRAND, Marinez. (ORGS). Ed. Evangraf. Porto Alegre, 2007. 140pgs.

JOÃO, Alessandra F.; SAMPAIO, Ângela; SANTIAGO, Elaine; CARDOSO, Raquel; DIAS, Rosangela. **Atividades em grupo – alternativa para minimizar os efeitos do envelhecimento**. Textos Envelhecimento. V.8 nº3. Rio de Janeiro, 2005.

KERN, Francisco Arseli. Os sentidos das teias e redes sociais no contexto da AIDS. Tese (Doutorado em Serviço Social) - PUCRS, Fac. de Serviço Social 2001

KONDER, Leandro. **O que é dialética?** Ed. Brasiliense. São Paulo, 1985.

LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal/Lógica dialética**. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1999.

LEME, Luiz Eugênio Garcez. **O envelhecimento**. São Paulo. Ed. Contexto, 2000.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. Ed. Atlas, São Paulo, 1996.

MARTINS, Ângela Maria. **Autonomia e Educação: a trajetória de um conceito**. Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas Nº 115, 2002.

MARX, Karl. **Manifesto do Partido Comunista**. Ed. 70, Lisboa 1993.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos Filosóficos**. Ed. 70, Lisboa 1993.

MAXIMINO, Viviane Santalúcia. **Grupos de atividades com pacientes psicóticos**. São José dos Campos, SP: Univap, 2001.

MÉSZAROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. Boitempo Editorial. São Paulo, 2006.

MIOTO, Regina. **Família e Políticas Sociais**. In: **Política Social no Capitalismo – Tendências Contemporâneas**. BOSCHETTI, Ivanete; BEHRING, Elaine; SANTOS, Silvana Mara de Moraes; MIOTO, Regina Célia. (ORGS). Cortez, SP, 2008.

MONTAÑO, Carlos. **Terceiro Setor e Questão Social**: crítica ao padrão emergente de intervenção social. São Paulo. Cortez, 2002.

MYNAIO, Maria Cecília de Souza (orgs). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Ed. Vozes. RJ, 2004.

OMS. Organização Mundial de Saúde – OMS. (1994). **Declaração elaborada pelo Grupo de Trabalho da Qualidade de Vida da OMS**. Genebra: OMS.

ONU. **Plano de Ação Internacional Contra o Envelhecimento**. Brasília, 2002.

PEREIRA, Potyara. **Política Social, Família e Juventude**: uma questão de direitos. São Paulo. Cortez, 2004.

PORZECANSKI, Teresa. **Desarrollo de comunidad y subcultura de classe.** Buenos Aires, Humanitas, 1972.

PRATES, Jane Cruz. **O Planejamento da Pesquisa Social.** Revista Temporalis, nº7. ABEPSS, 2003.

PRATES, Jane Cruz. **Polígrafo da disciplina de Pesquisa II.** Porto Alegre, PUCRS, 2002.

PRATES, Jane Cruz. **Possibilidades de mediação entre a teoria marxiana e o trabalho do assistente social.** 2003, 251f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social, PUCRS, Porto Alegre.

SANTOS, Geraldine Alves. **Os Conceitos de Saúde e Doença na Representação Social da Velhice.** Revista Virtual Textos e Contextos, nº1. 2002.

SANTOS, Silvana Mara de Moraes. **Direitos, Desigualdade e Diversidade. In: Política Social no Capitalismo – Tendências Contemporâneas.** BOSCHETTI, Ivanete; BEHRING, Elaine; SANTOS, Silvana Mara de Moraes; MIOTO, Regina Célia. (ORGS). Cortez, SP, 2008.

SOUZA, Maria Luiza de. **Desenvolvimento de Comunidade e Participação.** Ed.Cortez, São Paulo, 1996.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo da Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo.** Ed. Atlas, São Paulo, 1987.

VANZETTO, Antonia Alves. **O sistema único de assistência social e a centralidade na família.** Paraná, 2005.

YAZBEK, Maria Carmelita. **Classes Subalternas e assistência social.** Cortez, SP, 2003.

ANEXOS

Anexo 01:
Coleta Coletiva realizada no Grupo Alfa, no dia 31/08/2009



APÊNDICES

Apêndice 01

Instrumento 1 – IDOSOS

Nº do instrumento:

Dados Pessoais

1. Grupo/Instituição:
2. Nome do Idoso (opcional):
3. Sexo: () Feminino () Masculino
4. Idade:
5. Escolaridade:
6. Profissão:
7. Renda individual:
 Menos de 01 salário mínimo 1 salário mínimo
 2 a 3 salários mínimos 4 a 5 salários mínimos
 mais de 5 salários mínimos Outro:
8. Reside sozinho: () Sim () Não
9. Se reside com outros familiares, quem são eles?
10. Beneficiário do BPC () Sim () Não

Dados sobre a participação no grupo

11. Há quanto tempo o (a) senhor (a) participa do grupo?
12. Como ficou sabendo do grupo?
13. Por qual motivo o (a) senhor (a) participa do grupo?
14. E hoje, qual o significado que tem o grupo para sua vida?
15. Quais as atividades desenvolvidas no grupo?

16. Quais as que o (a) senhor (a) considerou mais importante? Por quê?

17. Descreva as atividades realizadas em 2008 (temáticas, palestras, passeios, trabalhos manuais, atividade física, etc.)

18. Há uma prévia organização dos encontros? () Sim () Não

Se sim, de que forma são programados os encontros?

19. Você também participa desse processo de planejamento? () Sim () Não

De que forma?

20. Para você, o que significa participar do grupo?

21. Na sua opinião, qual a importância do convívio para os idosos?

22. O que significa para você a convivência com os outros idosos nos encontros do grupo?

23. Você trabalha ou participa de outras atividades além do grupo?

24. Na sua opinião, como o idoso é visto na nossa sociedade? Por quê?

25. A partir de sua inserção no grupo, você identifica alguma mudança significativa no seu cotidiano? () Sim () Não

Caso sim, que tipo de mudança?

26. Percebe alguma alteração na sua vida a partir da participação no grupo:

- Nas suas relações () Sim () Não

Explique de que modo:

- Nas suas iniciativas () Sim () Não

Explique de que modo:

- Na sua auto-estima () Sim () Não

Explique de que modo:

- Na busca por direitos/organização coletiva () Sim () Não

Explique de que modo:

- Outras () Quais? Especificar:

Dados sobre qualidade de vida

27. O que você considera qualidade de vida?

28. Percebe alguma contribuição da participação no grupo para ampliar essa qualidade de vida? () Sim () Não Por quê? Explique.

29. Como percebe o acesso do idoso a serviços e programas ofertados para contribuir com sua qualidade de vida? (assistência, saúde, cultura, lazer, e etc.).

30. Conhece o Estatuto do Idoso e/ou a Política Nacional do Idoso?

() Sim () Não () em parte

31. Avalia como positivo no sentido da garantia de direitos ao idoso?

Sim Não em parte

Justifique:

32. Entende que algum aspecto demande aprimoramento? Se sim, qual?

Sim Não

33. Sugestões para aprimoramento do acesso aos direitos para a população idosa;

34. Sugestões para a qualificação e aprimoramento das alternativas de convívio:

Apêndice 02

Termo de Consentimento Informado

O Convívio Social em Espaços Coletivos: motivações e significados na Vida Cotidiana do Idoso

A pirâmide etária da população brasileira há algum tempo vem se modificando, principalmente em função dos avanços médico-científicos, reduzindo o percentual antes maciço de crianças, jovens e adultos. As expectativas são de que em 2025 o Brasil seja o sexto país do mundo em população idosa, o que exige da sociedade uma mudança de postura e preparação para necessárias mudanças sociais, políticas e econômicas. De nada adianta a ampliação da longevidade se não forem garantidos espaços de pertencimento e uma vida com qualidade e dignidade para estes sujeitos.

Esta pesquisa busca investigar as diferentes alternativas de convívio social acessíveis ao idoso morador da cidade de Porto Alegre/RS, especificamente em espaços coletivos direcionados a terceira idade. Será utilizado um formulário que orientará a entrevista, com duração aproximada de 45 minutos, sendo esta gravada, de modo a garantir fidelidade as idéias expressas durante a mesma. A identidade dos sujeitos participantes desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado ou exposto.

A participação nesta pesquisa não oferece risco ou dano à pessoa entrevistada. Se no decorrer da pesquisa o (a) participante resolver não mais continuar terá a liberdade de o fazer, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo.

Esta pesquisa está sob a orientação da Prof^a. Dr.^a Jane Cruz Prates, docente do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Serviço Social da PUCRS e será realizada pela mestrandia Potira dos Santos, vinculada a esta unidade de ensino.

Qualquer esclarecimento no momento da pesquisa ou posteriormente poderá ser solicitado à pesquisadora através do telefone (51) 96794971 ou para sua

orientadora pelo telefone (51) 33203606. Para qualquer pergunta sobre os direitos como participante deste estudo ou caso se sinta prejudicado pela sua participação, pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS (51) 33203345.

Após ter sido devidamente informado (a) de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu _____

Concordo em participar do processo de investigação proposto.

Assinatura do participante

Assinatura da pesquisadora

Porto Alegre, _____ de 2009.

FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL
MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL

POTIRA DOS SANTOS

**O CONVÍVIO SOCIAL EM ESPAÇOS COLETIVOS: MOTIVAÇÕES E SIGNIFICADOS NA VIDA
COTIDIANA DO IDOSO**

Porto Alegre
2010